

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**ANDRÉ LUÍS MARTINS SALOMÃO**

**HIP-HOP NO JORNALISMO INDEPENDENTE E ALTERNATIVO:**  
uma análise de Agência Mural, Desenrola e Não Me Enrola, Nexo e Ponte

**São Leopoldo**  
**2020**

ANDRÉ LUÍS MARTINS SALOMÃO

**HIP-HOP NO JORNALISMO INDEPENDENTE E ALTERNATIVO:**

uma análise de Agência Mural, Desenrola e Não Me Enrola, Nexo e Ponte

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
Jornalismo, pelo Curso de Jornalismo da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Rafael Grohmann

São Leopoldo

2020

Dedico esse trabalho primeiramente a meus pais, que sempre me apoiaram, principalmente a estudar. Dedico também aos meus amigos do peito, todas as pessoas que em algum momento passaram pela minha vida e deixaram um aprendizado, ao rap nacional, a minha família, a Emicida, Mano Brown, Cartola e a toda à população negra. Pretos no topo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador Rafael Grohmann. Sem ele esse trabalho não teria saído. Ao meu irmão, Maicon Martins, por ter me proporcionado conhecer a cultura hip-hop.

“Você que chorava lá no gueto, ninguém te viu,  
Sem fantasiar, realidade dói  
Segregação e menosprezo é o que destrói  
A maioria esquecida no barraco  
Que ainda é algemado, extorquido e assassinado  
Não é moda, quem pensa incomoda  
Não morre pela droga, não vira massa de manobra  
Não me idolatro a Mauricinho da Tv  
Não deixa se envolver porque tem que proceder  
Pra que? Por quê? Só tem paqueta loira  
Aqui não tem preta como apresentadora  
Novela de escravo, a emissora gosta  
Mostra os pretos chibatados pelas costas”  
*Mv Bill – Só Deus pode me julgar*

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso analisa como o hip-hop é representado por veículos independentes e alternativos, a saber: Agência Mural, Desenrola e Não Me Enrola, Nexo Jornal e Ponte Jornalismo. Para isso, tratamos das mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas e a ascensão de arranjos produtivos alternativos e independentes, entendidos como marcadores discursivos. Então, discutimos uma derivação desses arranjos, o jornalismo periférico – um lugar central para compreender as representações do hip-hop. Em seguida, apresentamos as noções de representação (Hall) e mediação (Silverstone), centrais para compreender a representação jornalística em relação ao hip-hop. Empreendemos uma pesquisa da pesquisa – de certa forma, uma representação acadêmica – a fim de compreender a complexidade do hip-hop (Zibordi, 2015). A partir de análise do conteúdo e à luz dos conceitos discutidos, investigamos as matérias jornalísticas publicadas pelos quatro veículos entre os anos de 2016 e 2019 em busca de observar semelhanças e diferenças nessa representação jornalística. Os resultados mostram que o Nexo representa o hip-hop a partir de um jornalismo visto “do centro”, com base em análise histórica e dados e os outros três arranjos jornalísticos dialogam com o jornalismo periférico, considerando o hip-hop como patrimônio cultural da periferia (Desenrola e Não Me Enrola), elemento “de” e “para” as periferias (Agência Mural) e dispositivo contra desigualdades e abusos (Ponte Jornalismo).

**Palavras-chave:** Hip-Hop. Jornalismo Independente e Alternativo. Jornalismo Periférico. Representação.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nuvem de Palavras Desenrola e Não Me Enrola.....	49
Figura 2 - Nuvem de Palavras Agência Mural .....	54
Figura 3 - Nuvem de Palavras Ponte Jornalismo .....	61
Figura 4 - Nuvem de Palavra Nexô Jornalismo .....	67

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Identificação do Jornalismo .....	19
--	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 AS MUDANÇAS NO JORNALISMO E O JORNALISMO INDEPENDENTE/ALTERNATIVO</b> .....	<b>11</b>
2.1 Jornalismo Independente e Alternativo .....	13
2.1.2 Jornalismo Periférico .....	21
<b>2 REPRESENTAÇÃO: DO CONCEITO À QUESTÃO DO HIP HOP</b> .....	<b>29</b>
2.1 Pensando a questão da representação .....	29
2.2 Pesquisas sobre Hip-hop e Comunicação .....	35
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>39</b>
3.1 OS PORTAIS .....	39
3.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO .....	42
<b>4 ANÁLISE</b> .....	<b>44</b>
4.1 DESENROLA E NÃO ME ENROLA .....	44
4.2 AGÊNCIA MURAL .....	49
4.3 PONTE JORNALISMO .....	54
4.4 NEXO JORNAL .....	62
4.5 ANÁLISE DE DUAS MATÉRIAS POR INICIATIVA .....	68
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>80</b>
<b>APÊNDICE A – TABELA UTILIZADA PARA ANÁLISE DO PORTAL “DESENROLA E NÃO ME ENROLA”</b> .....	<b>83</b>
<b>APÊNDICE B – TABELA UTILIZADA PARA ANÁLISE DO PORTAL “AGÊNCIA MURAL”</b> .....	<b>84</b>
<b>APÊNDICE C – TABELA UTILIZADA PARA ANÁLISE DO PORTAL “PONTE JORNALISMO”</b> .....	<b>85</b>
<b>APÊNDICE D – TABELA UTILIZADA PARA ANÁLISE DO PORTAL “NEXO JORNAL”</b> .....	<b>86</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Sempre tive conexão com o rap. Racionais, MV Bill entre outros *rappers* tiveram uma influência muito grande na minha vida. Quando decidi fazer jornalismo, já sabia que gostaria de falar sobre essa cultura. Eu vivo o hip-hop<sup>1</sup>. É necessário dar um espaço de destaque na pesquisa acadêmica ao hip hop. É um movimento central para o Brasil e base para o alimento cultural de muitas periferias.

Este trabalho fala sobre hip-hop no jornalismo independente e alternativo, especialmente no chamado jornalismo periférico. Eu vivi a vida inteira em um bairro de periferia e sabia que o trabalho de conclusão de curso seria uma oportunidade para unir duas coisas que, ao mesmo tempo, falam muito sobre mim: o jornalismo contemporâneo e a sociedade brasileira.

O objetivo geral é analisar como iniciativas de jornalismo independente/alternativo – especificamente: Desenrola e Não me Enrola, Agência Mural de Jornalismo das Periferias, Ponte Jornalismo e Nexo Jornal -, representam a cultura hip-hop, ou seja, quais os sentidos de hip-hop circulados pelo jornalismo independente/alternativo.

O jornalismo passa por mudanças estruturais que afetam seus modos de ser e fazer, incluindo suas narrativas e atividades de trabalho. Como as mudanças no mundo do trabalho relacionam-se a transformações também em suas narrativas? Em outras palavras: será que iniciativas que se colocam como alternativas ou independentes ao jornalismo *mainstream* ou hegemônico também imaginam outros mundos possíveis em relação aos seus enquadramentos jornalísticos?

A cultura hip-hop, conforme Zibordi (2015), tem sido representada jornalisticamente, de forma majoritária, de maneira simplista, sem considerar a sua complexidade, que não se resume ao rap ou à dança. Para o autor, o hip-hop deve ser compreendido como uma “narrativa de narrativas culturais”, inclusive com suas relações de classe, raça e território (centro-periferias, por exemplo).

Em que medida as iniciativas jornalísticas que se colocam alternativas ou independentes em relação ao *mainstream*, algumas delas marcadamente produzidas por jornalistas das periferias, representam o hip-hop de outras formas -

---

<sup>1</sup> Embora o costume de grafar o termo sem hífen, optaremos ao longo do nosso trabalho por esta grafia.

que não de maneira simplista ou estigmatizada? A expressão *hip-hop* é ligada a quais outras?

Além desta Introdução, discutimos, no segundo capítulo, as mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas e a emergência de iniciativas autodeclaradas alternativas ou independentes, as quais chamamos de “arranjos jornalísticos”. Em seguida, destacamos a noção de “jornalismo periférico”. Feito isso, debatemos a noção de representação como um modo de compreender os olhares do jornalismo para a cultura hip-hop. Também realizamos uma pesquisa sobre hip-hop no âmbito da comunicação. No terceiro capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa, incluindo as iniciativas jornalísticas escolhidas para a análise, que tem lugar no quarto capítulo. Por fim, analisamos duas matérias de cada veículo para que possamos entender as diferenças discursivas em suas matérias e as proximidades encontradas com os estudos feitos por Hall e Silverstone.

O trabalho se justifica – acadêmica, social e jornalisticamente – na busca por outras representações jornalísticas possíveis em relação às culturas das periferias, buscando valorizar as diversidades e o olhar periférico. Isso significa também pensar em novos arranjos jornalísticos - conectando as representações a novas formas possíveis de sobreviver de jornalismo no mercado de trabalho.

## 2 AS MUDANÇAS NO JORNALISMO E O JORNALISMO INDEPENDENTE/ALTERNATIVO

O trabalho jornalístico tem sido afetado por mudanças em todo o ecossistema da comunicação que, nos últimos anos, tem vivenciado transformações estruturais em narrativas, arranjos profissionais e modos de enxergar a própria área. Entre essas mudanças, há profissionais que encontram em novos modelos de mídia uma oportunidade para exercer sua função. Esses novos “arranjos” (FIGARO; NONATO, 2017) jornalísticos - como chamaremos ao longo do trabalho -, tais como iniciativas de jornalismo independente e alternativo, unem novos formatos, linguagens e processos produtivos, isto é, novas narrativas e oportunidades profissionais.

Mark Deuze e Tamara Witschge (2015) explicam que o jornalismo em si não tem uma regra pré-estabelecida como definição. Os métodos jornalísticos e suas práticas profissionais estão sob constante mudanças. Os autores entendem que faz parte da profissão “reivindicar autoridade e validação” e que isso “parece ser muito mais parte de interações diárias e mundanas no mundo do trabalho, ao invés de objeto de litígio ou de debate público”. (DEUZE; WITSCHGE, 2015, p. 5).

Para Roseli Figaro (2018), essas grandes mudanças que ocorreram no jornalismo na última década foram causadas por dois fatores predominantes: as tecnologias digitais, que, com dispositivos móveis, trouxeram uma grande transformação na forma de enviar e receber informação, e a crise que se alastrou por diversos meios de mídia tradicionais, com processos como: sucateamento da profissão, demissões em massa e reestruturação na forma de fazer o jornalismo, isto é, reestruturações da ordem dos processos produtivos. Soares e Nonato (2017) alertam para essas transformações nos veículos populares, relacionando flexibilização e precarização: “com a flexibilização no mundo do trabalho, tais jornalistas foram submetidos a precárias formas de contratação”. (SOARES; NONATO, 2018, p. 4).

A partir dessa precarização do trabalho, junto com a diminuição da folha de pagamento e a debandada em massa de funcionários, foram criados outros padrões de veículos que se estabeleceram em modelos específicos. Seguindo as ideias do professor Thomas Hanitzsch, Deuze e Witschge (2015), consideram o jornalismo em dois formatos: ativo e passivo, perante a sociedade em seu local de missão, posição e importância para os locais de poder. Deuze e Witschge (2015) definem o

que o jornalismo foi e está se transformando a partir de quatro fatores fundamentais: a) reorganização do ambiente de trabalho b) fragmentação das redações e dos trabalhos jornalísticos c) emergência de uma sociedade redacional e d) ubiquidade das tecnologias midiáticas. (DEUZE; WITSCHGE, 2015).

Esses novos formatos que “resgatam” uma certa ideia de jornalismo buscam formas de sobrevivência da comunicação de modos diferentes, além de mídias distintas para manter as pautas interessantes, como no caso dos arranjos independentes/alternativos. Muitos desses novos veículos criados a partir da ideia de serem independentes e alternativos especificam seus modelos de notícia para pautas ou enquadramentos específicos. Esta é uma maneira de marcar tanto um diferencial de mercado quanto um olhar jornalístico distinto.

Um exemplo é o caso do Nexo Jornal, criado em 2016, que mantém uma postura de trabalhar com jornalismo de dados e uma perspectiva contextual-histórica. Isso é diferente de outros três veículos estudados nesta pesquisa, Desenrola e não me enrola, Agência Mural e Ponte Jornalismo, que tem o seu foco em um modo de fazer jornalismo a partir das periferias das cidades, buscando no seu alvo de notícias uma parte da população muitas vezes “esquecida” pelas mídias tradicionais. Porém, Figaro (2018) complementa que essas mudanças sofrem de falta de investimentos

Vê-se que esse lugar de fala também revela o dilema da precariedade econômica dessas iniciativas do trabalho jornalístico. Ou se tem recursos para investir no negócio ou se necessita uma rede de apoio e diversidade na prestação de serviços para manter a existência do veículo. (FÍGARO, 2018, p. 160).

De forma provocativa, Deuze e Witschge (2015) explicam que o jornalismo dito *mainstream* tornou-se menos acessível aos jornalistas, sendo o reflexo das dificuldades que passam grande maioria dos profissionais e que só sobrevivem os das classes dominantes. Com a dinâmica acelerada de reorganizações e remanejamentos, aquisições e demissões, novos proprietários e gestores, novas modalidades de trabalho e cortes no orçamento, o jornalismo tornou-se menos acessível a todos. Na verdade, ele parece ser, cada vez mais, um campo de atuação da classe dominante, “somente para aqueles que podem se dar ao luxo de trabalhar por anos, ou até mesmo durante a maior parte de suas carreiras, abaixo ou com algo em torno do salário mínimo”. (DEUZE; WITSCHGE, 2015, p. 12).

O papel das mídias digitais é importante para o desenvolvimento desses trabalhos jornalísticos e para as possibilidades dos profissionais da área, mostrando espaços que antes não tinham e portas que se abriram para novos formatos de informação. Atento às possibilidades do mercado, os chamados “jornalistas empreendedores” (DEUZE, 2007), - ou seja, aqueles que conseguiram se desvencilhar do mercado corporativo tradicional e trazer novos padrões informativos e de jornalismo -, usaram a tecnologia para a circulação de seu trabalho em grande escala podendo servir e construir em empresas de nicho, com boa estrutura profissional e de conteúdo (DEUZE, 2007).

Desde o começo do século XXI, a mentalidade de jornalistas tem mudado acreditando mais na estrutura do jornalismo independente e montando startups. Segundo Deuze e Witschge (2015), esses jornalistas se beneficiam desses formatos que outras pessoas do setor criativo também tiraram proveito, e que os grandes veículos se adaptam às crises que chegam nas redações, diminuindo seus espaços. As redes sociais digitais também alteram o padrão de público para os distintos públicos que visualizam determinado tipo de conteúdo. Isso faz com que veículos independentes podem encontrar dentro da internet nichos de mercado que trazem meios diversificados de “vender” o trabalho, como Youtube, Instagram, Facebook, Twitter, Medium e outros formatos onde o jornalista que cria o próprio negócio pode ver oportunidades de crescimento profissional.

Dentro dessas novas oportunidades, podemos notar não só uma grande mudança no nicho e na visão de mercado que esses chamados “jornalistas-empresendedores” têm, mas também o formato de como é feita a reportagem. Junto com o desenvolvimento digital, outros formatos foram sendo criados para trazer novas possibilidades informativos para o público. Nesse momento, esses veículos independentes conseguiram trazer um formato muito próprio, usando muitas técnicas de reportagens, formato diferentes de narrativas e uma liberdade maior para criação, saindo dos formatos tradicionais de reportagem.

## **2.1 Jornalismo Independente e Alternativo**

O jornalismo independente/alternativo não é algo novo. Os primeiros jornais alternativos/independentes nasceram em meio a ditadura militar, como oposição ao regime, trazendo uma característica diferente ao jornalismo daquela época, que, em

sua maioria, na grande mídia, se sujeitam ao poder e não atuavam como um fiscalizador. Nesse contexto, O Pasquim, Opinião e Movimento foram os principais representantes de um jornalismo independente com uma raiz política muito forte. Esses periódicos eram influentes e se tornaram muito conhecidos, mesmo sendo independentes. Para Chinem, “a imprensa alternativa fazia oposição sistemática ao regime militar, denunciava a tortura e a violação dos direitos humanos e criticava o modelo econômico”. (FILHO, SOUZA, MOLIANI, 2019 p. 17 apud CHINEM 1995, p. 8).

O termo alternativo para denominar esses veículos da época traz discordâncias para alguns pesquisadores. Pachi Filho, Souza e Moliari (2019) apontam, a partir de Perseu Abramo (1988) a expressão “alternativo” tem um significado diferente para aqueles veículos. Para estes pesquisadores, alternativo é ‘algo’ “que ocorre com alternância ou alternância, que tem o efeito de substituir algo que vinha sendo feito, realizando determinada ação com função igual ou semelhante à que estava sendo feita originalmente, mas não simultaneamente”. (PACHI FILHO; SOUZA; MOLIARI, 2019, p. 7 apud ABRAMO, 1988).

Já o pesquisador Rivaldo Chinem (1996), o trabalho feito principalmente pelo Pasquim, Opinião e Movimento indica um trabalho que contrapunha ao regime e a imprensa tradicional da época. Para ele, os periódicos alternativos são alternativos não somente de notícias, mas também de postura, de mercado, e de contraposição à grande imprensa.

Analisando as diferenças dos termos e significados dos arranjos criados durante a ditadura militar, os pesquisadores Pachi Filho, Souza e Moliari (2019) explicam e dissecam dois termos que podem exemplificar os objetivos dos arranjos produtivos que nasceram naquela época e que se assemelham aos novos veículos durante a década de 2010. Para eles, o jornalismo alternativo hoje é a continuidade daquele trabalho feito pelos veículos na ditadura militar, “Marcada pela resistência política e pela presença de temas que não encontravam espaço na mídia tradicional”. (PACHI FILHO, SOUZA, MOLIARI, 2019, p. 24). Os pesquisadores ainda complementam que hoje o arranjo alternativo no jornalismo é definido pela sua abordagem, que, em suma, aborda fatos esquecidos ou não noticiados pela mídia tradicional e principalmente pelo discurso midiático *mainstream*, relacionando-se, de alguma forma, à contra hegemonia. Isso significa que o jornalismo - enquanto arranjo produtivo - também se relaciona a disputas de poder na sociedade.

Pachi Filho, Souza e Moliari (2019) ainda definem também um outro arranjo jornalístico diferente do jornalismo alternativo e mais abrangente: a comunicação alternativa, que não é especificamente tratada com jornalismo. Da mesma forma, há veículos que trabalham de forma semelhante aos arranjos independente/alternativo não se denominam nenhum dos dois. Pachi Filho, Souza e Moliari (2019) definem a comunicação alternativa como uma vinculação a movimentos sociais que busca modificar a condição de invisibilidade a que estão sujeitos por um sistema dominante de comunicação e que se relaciona à exclusão social, de grupos ou visões de mundo e à promoção de temas e questões considerados relevantes para determinados grupos.

Para além do “alternativo”, muitos veículos se denominam apenas como “independentes”, principalmente quando pesquisamos seu *ethos*. Nonato, Figaro e Pachi Filho denominam o termo independente como um arranjo jornalístico que se configura na literatura com desvinculação política e econômica, como compromisso autocentrado. Mais especificamente, no caso do jornalismo, “independente” restringe-se à não vinculação com os interesses políticos vigentes e à ideia de neutralidade. (NONATO; FIGARO; PACHI FILHO, 2018). Ou seja, os dois tipos específicos de iniciativas jornalísticas, mesmo tendo um histórico no Brasil e mesmo tendo valores e significados parecidos, ainda assim, podem facilmente ser diferenciados e não definidos como iguais. Contudo, para além de uma definição essencializante e demarcatória sobre o que seria independente e o que seria alternativo no jornalismo, trata-se de uma definição que é discursiva, posicionando as iniciativas a partir de certos *ethos* e lugares de enunciação.

As mudanças que beneficiaram o crescimento desses arranjos estão estreitamente vinculadas às mudanças drásticas dos veículos de massa e às mídias digitais. Houve um grande crescimento desses veículos que, para sobreviver, criaram modelos de negócios como financiamento, doações ou um sistema de assinatura. Esses métodos só se tornam rentáveis quando o jornalista que está empreendendo em tal nicho traz uma singularidade no formato, seja na criatividade, nos modelos de narrativa textual ou gráfica.

Deuze e Witschge (2015) acreditam que esses detalhes moldam o futuro do jornalismo. A reinvenção da maneira de noticiar a informação e de como tratá-la, explica desses traços como uma oportunidade que pode ser muito bem aproveitada

Ao enfatizar traços individuais, habilidades, atitudes e mentalidades, esse currículo ainda prevê o futuro do jornalismo na forma de jornalistas que (sozinho ou em colaboração) são capazes de rentabilizar o conteúdo de formas inovadoras, conectar-se com a audiência a partir de novos formatos interativos, aproveitar as oportunidades e responder a (e moldar) o seu entorno. (DEUZE; WTISCHGE, 2015, p. 21).

Podemos entender que o independente e o alternativo estão vinculados, já que economicamente falando, esses dois arranjos seguem ainda de um grande processo do capitalismo na qual fazem parte de sistema econômico. Dessa forma, podemos entender que esses dois arranjos, mesmo sendo partes de um grande sistema capitalista, não podem necessariamente serem vistos como apenas um modo de ganhar dinheiro. É necessário entender os posicionamentos desses veículos e seu *ethos*. Veículos como Ponte Jornalismo, por exemplo, tem seu posicionamento editorial muito claro e em suas matérias se posiciona firme em seus ideais, e tem uma ideologia que preza pelos grupos de regiões periféricas e que sofrem constantemente com problemas humanitários. Mesmo assim, precisa de um modelo econômico para sobreviver e continuar o trabalho de modo que seja financeiramente rentável. Figaro (2018, p. 165) questiona: “como garantir o produto jornalístico sem o trabalho remunerado de jornalistas?”.

Para o jornalista que trabalhe em veículos independentes/ alternativos, mesmo em coletivo, cabe a si próprio, em uma internalização da racionalidade empreendedora que se espalha por todos os lados da vida social (FIGARO, 2018), criar os próprios meios de remuneração e modelos de negócios. Essas questões de remuneração ainda são amplas, sem uma resposta definitiva para o sustento do trabalho. Com essas diferenças e aproximações de modos de rentabilidade, esses novos ciclos vindos da grande reestruturação da grande mídia conseguem encontrar no jornalismo independente/alternativo novas formas de ganhar a vida.

Uma das questões que podemos levantar é: como esses veículos se fazem independentes? Qual é a grande diferença entre os formatos de mídias tradicionais e esses arranjos se os dois seguem um modelo capitalista parecido? Quais são os valores passados? Para Figaro (2018) a questão da independência é um posicionamento ético fundamental para o exercício do jornalismo. Então, conseguimos notar as diferenças para além dos motivos financeiros e ver que o jornalista que sai da grande mídia e encontra seu espaço nas mídias independentes/alternativas pensa além das proteções institucionais e dos privilégios

da profissão (DEUZE; WITSCHGE, 2015). Segundo Deuze e Witschge (2015) tal atitude para a profissão se encontra precária e trazer essas novas referências é de vital importância para a profissão.

A partir desses novos arranjos jornalísticos, podemos notar que o pensamento dos profissionais também muda, fugindo da ideia da mídia tradicional de manter um formato noticioso amplo e pensando muito mais no lado econômico, passando a ter um viés ético de encontrar públicos que não tinham visibilidade midiática e começam a fazer um jornalismo diferente e com outro enfoque. O papel do jornalista que foca na periferia começa a ter um espaço, como um trabalho de importância para essas localidades, já que, em sua maioria, quando noticiado nos veículos de grande porte, as matérias geralmente são retratando violência, morte e pouco sobre a cultura do local. O Observatório de Favelas (2013), por exemplo, verificou as notícias de seis meses de veículos do jornalismo tradicional e descobriu que ao longo de todos os meses o assunto principal era violência.

Com o aumento das mídias independentes e alternativas desde 2010, há também a emergência de arranjos produtivos que podemos chamar de “jornalismo periférico”. Ele continua sendo independente/alternativo, mas com um trabalho totalmente voltado para um recorte de classe, raça e território, vindas de jornalistas que geralmente vieram de tais localidades e buscam com a comunicação encontrar meios de mostrar parte das realidades boas das regiões periféricas.

Com as grandes repercussões e criação de novos veículos a partir dos protestos iniciados em 2013, caso do veículo Mídia Ninja (GROHMANN; ROXO; MARQUES, 2019), houve um iminente crescimento de arranjos independentes e alternativos. Não há uma uniformidade nos lugares de enunciação desses veículos. A própria marcação discursiva entre “independente” e “alternativo” é alvo de disputas, como mostram Grohmann, Roxo e Marques (2019). Seguindo o mapa de jornalismo independente criado pela Agência Pública, Grohmann, Roxo e Marques (2019) analisaram os discursos desses arranjos, levando critérios como natureza coletiva do arranjo; autodenominação como jornalistas e desvinculação de grandes grupos de mídia. Essa pesquisa contabilizou 183 veículos do Brasil, sendo 73 de São Paulo. (FIGARO; NONATO; KINOSHITA, 2017)

Com uma tabela criada por Grohmann, Roxo e Marques (2019) (cf. Tabela 1) conseguimos entender a importância de compreender os arranjos jornalísticos com suas diferenças. Precisamos compreender que os lugares de enunciação desses

arranjos são complexos e encontram nichos, como o caso da Agência Mural, Desenrola e Não me Enrola e Vozes da Vila Prudente, que, a partir de seu *ethos*, podemos perceber que fazem seus trabalhos jornalísticos visando a periferia. Há também o jornalismo independente e alternativo que tem um viés político forte como Mídia Ninja e Jornalistas Livres.

Nessas “lutas por classificação” (Bourdieu, 1996), travadas discursivamente no âmbito desses arranjos econômicos alternativos, há tentativas de distinções “externas” no sentido de pontuar diferenças em relação ao jornalismo da “grande mídia” e o jornalismo “tradicional” – e distinções “internas”, que podem ser traduzidas nos mais variados lugares de enunciação sintetizados nos quadros acima, inclusive produzindo tensionamentos em relação à própria expressão “jornalismo”. (GROHMANN; ROXO; MARQUES, 2019, p. 223).

Os autores – conforme observamos na Tabela 1 – apresentam várias visões do que o independente/alternativo está trazendo de inovação e transformação, principalmente quando é estudado os lugares de enunciação desses veículos, como a mudança de abordagens e perspectivas, redefinições do jornalismo de alguns portais, levando em consideração as práticas de trabalho dos lugares de enunciação de veículos e modos inovadores enquanto narrativa do jornalismo (GROHMANN; ROXO; MARQUES, 2019). Podemos conectar essas especificidades desses veículos, que, por meio do arranjo independente/alternativo, estão redesenhando os métodos jornalísticos e sinalizando por mudanças no mundo do trabalho.

Tabela 1 – Identificação do Jornalismo

<b>Lugar de Enunciação</b>	<b>Alguns exemplos</b>	<b>Qualificadores de jornalismo</b>
Jornalismo politicamente engajado	<i>Fluxo, Mídia Ninja, Jornalistas Livres</i>	"causas e ações nos interessam", "nossa pauta está onde a luta social [...] se expressa"
<i>Ethos</i> do jornalismo informativo	<i>Aos Fatos</i>	"não faz militância nem manifesta preferência"
Valorização da reportagem	<i>Pública, Fluxo, Conexão Planeta, Puntero Izquierdo, Farofafá</i>	"rigor na apuração dos fatos", "o fato – preciso apurado e verdadeiro", "jornalismo fundado na reportagem", "reportagens de fôlego"
Independência (editorial/financeira)	<i>Pública, Correio da Cidadania, Gênero e Número, O Independente, Nexo, Volt Data Lab</i>	"independência editorial absoluta", "Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação)", "jornalismo sem fins lucrativos para manter a independência".
Olhar para as periferias	<i>Agência Mural de Jornalismo das Periferias, Desenrola e não me enrola, Énois, Vozes da Vila Prudente</i>	Mudar a forma como os sujeitos "se relacionam com a região onde moram", criar "empoderamento e fortalecimento da cidadania", informar sobre "fatos socioculturais que acontecem na periferia de São Paulo" com "olhar positivo", "fazer matérias com um olhar que só a gente tem"
"Novo" Jornalismo	<i>Opera Mundi, Agência Pública, Outras Palavras, Nexo, Megafonia, Agência Democratize</i>	"novo", "pioneiro", "único", "original", "novo jornalismo compartilhado e colaborativo", "abordagem original", "novas possibilidades para o jornalismo", "superação de modelos existentes",

Fonte: Elaborado por Grohmann, Roxo e Marques (2019)

As vidas financeiras dessas iniciativas também são importantes para compreender as diferenças entre os veículos pesquisados. A partir de pesquisa feita por Mariana Silva e Rogério Christofolletti (2018), podemos entender como funciona esses projetos e como fazem para sobreviver. Dessa forma, com base no artigo, conseguimos notar algumas diferenças em seus meios de formatação para receber trabalhando com jornalismo. De 30 veículos analisados, 13 trabalham com modelo de empresa, ou seja, semelhante às grandes massas midiáticas e 11 trabalham como coletivos (SILVA; CHRISTOFOLETTI, 2018). O mais interessante é que 23 dos veículos independente/alternativos não têm sede física, o que nos mostra que

das alternativas para a sobrevivência desses arranjos é de ideia quase geral que os trabalhos necessariamente não precisam de um local geral, e sim conseguir alternativas para reuniões e matérias.

Atualmente, a internet facilita muito os trabalhos, reuniões e conexões entre colaboradores de jornais, mostrando ser um fator central para a crescente dos arranjos alternativos/independentes, principalmente a partir do começo da década de 2010. Com isso, podemos considerar que os próprios locais de trabalho de muitos arranjos jornalísticos independentes ou alternativos são ambientes digitais, como redações inscritas em plataformas digitais.

Ainda a respeito do financiamento, entre as vinte e uma iniciativas que atuam com algum tipo de cobertura da operação, seja integral ou parcial, as modalidades que se destacam são: financiamento coletivo (sete iniciativas); prestação de serviços (quatro iniciativas); publicidade (três iniciativas) e assinaturas (uma iniciativa). Ainda nesta categoria, uma iniciativa se mantém via apoio cultural e cinco combinam mais de um tipo de modalidade como assinaturas, venda de camisetas, prestação de serviços, doações, financiamento coletivo e publicidade. (SILVA; CHRISTOFOLETTI, 2018, p. 161).

A partir do excerto acima, conseguimos notar que há grandes diferenças entre os meios de financiamento dos veículos, mostrando que ainda existem grandes dificuldades para esses meios e que o Brasil ainda está engatinhando para uma comunicação independente e um jornalismo alternativo/independente. Seja como for, não existe uma verdade plena ou algum grande segredo para manter um jornal, site ou coletivo sem ter que criar alternativas apropriadas para a sua sobrevivência.

Para Figaro, Nonato e Pachi Filho (2016), o trabalho em arranjos jornalísticos independentes e alternativos ainda é movediço. Eles sugerem que a construção de uma base para a sobrevivência plena desses veículos ainda está em construção e permanecem incertas para muitos desses coletivos, pois muitos ainda sofrem com constantes alterações bruscas. Para os pesquisadores, um dos motivos para essas incertezas é a instabilidade econômica e política no país. Do total de setenta arranjos investigados pelos pesquisadores, vinte e sete se declaram somente independentes, seis alternativos e quatro independentes/alternativos. Conseguimos assim, notar divergências entre os padrões desses veículos e deixar lacunas em aberto para o entendimento e a definição total dos arranjos alternativos/independentes.

Portanto, conseguimos compreender os arranjos alternativos e independentes foram criados numa mesma época e com ideias parecidas, mas que na prática se diferenciam. Isso acontece até mesmo nos veículos que parecem semelhantes. Conseguimos ver que o trabalho feito por esses veículos é amplo e consegue recair sobre vários nichos do jornalismo, criando conteúdos específicos para muitas áreas não são procuradas pela mídia tradicional.

Conseguimos notar que, em questão econômica, os arranjos independentes/alternativos ainda estão descobrindo uma melhor forma de conseguir lucrar e sobreviver com o seu trabalho. Existem muitas maneiras para arrecadação de verbas para sustentação. Agora, veremos um formato que tem dificuldades semelhantes, mas que diferente dos alternativos/independentes, trabalha especificamente na e para as periferias das cidades.

### **2.1.2 Jornalismo Periférico**

Dentro dos arranjos alternativos/independentes podemos encontrar alternativas para o mercado de trabalho jornalístico, sabendo que independente e alternativo vêm de uma luta por espaço e para encontrar novas visões para a profissão. Ainda assim, esses veículos se propuseram a ir contra a grande mídia e encontrar seu nicho de mercado. No entanto, podemos considerar ainda a maioria das iniciativas jornalísticas independentes ou alternativas, a partir dos estudos elencados acima, como direcionada aos centros das cidades.

A partir desta constatação, houve a emergência de um novo tipo de arranjo, atendendo à necessidade periférica da maioria da população das grandes capitais: o jornalismo periférico, que teve força para trazer a esses espaços um modelo diferente de cultura, levando informação da periferia para a periferia, segmentando a cultura de comunidade, como o funk, samba e o rap. Além disso, levou à periferia a educomunicação, intervenção do campo teórico-prático que utiliza a mídia como forma de educação, voltado a facilitar o diálogo social, principalmente com os jovens, e o uso da tecnologia para uma educação de melhor qualidade, um fator importante para o crescimento intelectual desta parcela da população.

O início do jornalismo periférico no Brasil se dá em meados da década de 1990 e podemos notar que a forma na qual esse arranjo se iniciou se dá de forma parecida aos outros dois arranjos estudados anteriormente: dificuldade na inserção

no mercado de trabalho dos jornalistas e o distanciamento em relação aos temas importantes para a periferia. Para Camila Camargo, Cláudia Nonato e Fernando Pachi Filho (2016), a solução para esses problemas passa pela realização de um trabalho afinado com as necessidades dos locais de origem desses jornalistas. Mas as dificuldades de manter o trabalho a longo prazo é um ponto importante para os pesquisadores. “Trabalho precário, duplas jornadas, instabilidade financeira e insegurança quanto ao futuro são aspectos a serem considerados como parte de um contexto socioeconômico em que há pouco espaço para a durabilidade” (NONATO; CAMARGO; PACHI FILHO, 2016, p. 2).

Para NONATO (2018) a criação e o crescimento desses arranjos na década de 1990 se dá pelo ambiente político, econômico e social que estava propício para o jornalismo comunitário ou jornalismo local. Isso também mostra uma valorização das comunidades locais e regionais por conta de um comprometimento dos jornalistas (NONATO, 2018), levando assim, a publicações comprometidas a questões sociais da periferia e contribuições locais, como define Nonato (2018).

Os primeiros veículos que foram criados com a ideia de fazer uma comunicação mais voltada para a periferia aparecem no Rio de Janeiro. Os Jornais “Voz da Comunidades” e “O Cidadão” são os primeiros que levam essa característica de jornalismo comunitário (NONATO; SOARES, 2018). Para Nonato e Soares (2018), a periferia deixa de ser um produto de notícia estereotipado a partir daquele momento e passa a protagonizar e potencializar a sua própria história.

O jornalismo periférico atua dentro da sociedade com um formato de notícia diferente, como observa Camargo, Nonato e Pachi Filho (2016). Eles notam que os jornalistas atuam dentro da periferia também como educadores, ou seja, preparam os jovens para utilizar adequadamente recursos de comunicação, como instrumentos de expressão e cidadania (CAMARGO; NONATO; PACHI FILHO, 2016).

Para Figaro (2018), o jornalismo periférico se dá quando existem conflitos e dificuldades na inserção no mercado profissional para os jornalistas. A solução é, então, voltarem a suas origens e trabalharem para o local onde nasceram. Desta forma, podemos compreender que o jornalista presta à comunidade não só informação, mas também educa e traz novas formas de projetos e oportunidades, como dar importância e apresentar projetos da periferia, como, casas de cultura,

eventos de histórias em quadrinhos voltados à comunidade e projetos sociais da periferia.

Segundo Cláudia Nonato (2018), o termo “periferia” se modificou nos anos 1990, tornando-se uma questão de afirmação político-identitária por parte dos moradores. Aqui nós podemos notar que nos anos 1990 uma série de fatores levou a periferia a uma modificação de visão de várias partes. Isso se deu em parte pelo crescimento do hip-hop, cujo marco na cidade São Paulo foi o ano de 1985, mas que, nos anos 1990 teve um grande peso com o grupo Racionais MC’s, que com suas letras ácidas e uma postura firme, representou vozes das periferias de forma a modificar seus regimes de visibilidade midiática. Ressaltamos a crítica que os Racionais MC’s fazem, principalmente em seus álbuns “Holocausto Urbano”, “Escolha o seu caminho”, “Raio X do Brasil” e “Sobrevivendo no Inferno”, contra a violência e a pobreza. A visão que era dada às periferias antes e depois desses álbuns foi modificada não só nos olhos da população, mas também na comunicação, dando força ao movimento do jornalismo periférico.

Claudia Nonato e Bruna Soares (2018) identificaram nas redações a falta de pluralidade étnico-racial existente na sociedade brasileira dentro das equipes de jornais de grande massa. Também observando que a mídia tradicional enraíza narrativas estereotipadas das periferias. Para D’Andrea (2013, p. 177 apud NONATO, SOARES, 2018), no início da década de 1990, as localidades periféricas eram associadas somente à pobreza e à violência. O hip-hop dentro das comunidades conseguiu fazer um trabalho parecido com o do jornalístico: passar informação não só para as periferias, mas também para outras localidades, de forma a se tornar um grande representante do que acontecia nas periferias, principalmente em denúncias, que não ocorriam com o jornalismo daquela época, por exemplo.

Com a popularização desse gênero, criou-se uma abertura para que os rappers fossem os porta-vozes dessas comunidades e falassem sobre os problemas passados dentro desses locais. Abriu-se tal espaço uma vez que a informação que deveria ser levada ao grande público pela mídia tradicional não era feita de forma correta. As produções da grande mídia sobre periferia eram, em geral, relacionadas à violência. Como pode ser visto nesse trecho de “Um homem na estrada”, música dos Racionais MC’s (1993), “Ficou famoso, virou notícia, rendeu dinheiro aos jornais, há!, cartaz à polícia, vinte anos de idade, alcançou os primeiros lugares superstar do notícias populares!”. Mano Brown, na letra, dá a entender que jovens de periferias só

são famosos nos jornais em páginas policiais ou em veículos sensacionalistas, como no caso do Notícias Populares, famoso jornal popular dos anos 1990.

Para D'Andrea (2013 apud FIGARO, 2018, p. 168), o termo periferia tinha um significado nos anos 1960, criado pelos intelectuais da época e a partir dos anos 1990, mais especialmente como o álbum Raio X do Brasil do grupo Racionais MC's, o termo muda o sentido e começa a ter outro significado para a palavra. Para o autor, há a politização do termo periferia, junto a um traço identitário de reconhecimento, ao mesmo tempo, territorial, social e político.

Essas discussões que os grandes grupos de rap pautavam em suas letras foi um gancho para a criação dos arranjos jornalísticos periféricos, e dá forças para que a comunidade sobreviva culturalmente e de maneira comunicacional. As comunidades periféricas buscam formas de gerir a sua própria forma de se comunicar e conseqüentemente produzir um diálogo com as pessoas que ali vivem, atendendo as necessidades dos moradores, e se distanciando das limitações jornalísticas espaciais feitas pela grande mídia (FIGARO; NONATO, 2017).

Camargo, Nonato e Pachi Filho (2016), a partir de conversa com responsáveis que trabalham com veículos independentes/alternativos e periféricos, apontam que o hip-hop foi o precursor da comunicação periférica dentro da favela, e na verdade, mais próximo da realidade noticiosa que habita aquele local em relação à mídia tradicional, que em raros momentos apresenta notícias que contribuem para a periferia. Como explicado pelos pesquisadores,

O sujeito identifica os conflitos que ocorrem nas experiências com o jornalismo tradicional: a realidade da periferia é diferente daquela retratada na "mídia hegemônica", aproximando-se muito mais das narrativas descritas nos raps ("nosso primeiro veículo de comunicação de fato"). (CAMARGO; NONATO; PACHI FILHO, 2016, p.10).

Ser e fazer parte da periferia é imprescindível aos trabalhos desses jornalistas por conhecerem o ambiente, saberem o que as pessoas pensam, como as pessoas vivem e principalmente como elas falam. A partir disso, o jornalismo periférico, consegue exercer essa função dentro dos locais onde nasceram ou moram, como mostra Camargo, Nonato e Pachi Filho (2016), sobre a afirmação do vínculo do jornalista com o território onde trabalha, sendo um fator que permite a esses jornalistas definirem sua identidade profissional e até mesmo pessoal. Constitui-se,

assim, um discurso que dá sustentação à sua atividade (CAMARGO; NONATO; PACHI FILHO, 2016).

Dentro das periferias, então, entende-se que fazer parte dela é de muita importância para falar sobre o local em arranjos jornalísticos para os moradores. Isso também pode ser um impedimento e um afastamento em comparação com a mídia tradicional ou a praticada por arranjos jornalísticos de áreas centrais (CAMARGO; NONATO; PACHI FILHO, 2016). Sendo assim, há uma relação entre “nós e “eles”, conforme Nonato, Camargo e Pachi Filho (2016, p. 7): “define-se quem é excluído e quem é incluído e por meio da diferenciação social essas classificações integram as relações sociais”.

A comunicação periférica, mesmo com dificuldades para se manter como veículo que trabalha diretamente para a comunidade, viu ajuda na intensificação do uso de tecnologias digitais, por exemplo, para conseguir viabilidade de manter uma atividade social e política e trazer novas perspectivas para um local com poucas referências de notícias e ações sociais. Sendo assim, fazer parte da periferia é posicionar-se e reapropriar-se de sentidos atribuídos e circulados em relação aos bairros periféricos, marcados por pobreza, exclusão social e pela violência, ao mesmo tempo em que se busca instaurar sentidos positivos como resistência (CAMARGO; NONATO; PACHI FILHO, 2016).

O discurso que é feito dentro desses locais é diferente dos que geralmente é feito pelas áreas centrais. Isso pode evidenciar uma postura e uma noticiabilidade diferente feita pelos arranjos jornalísticos que se alinham a esses locais, como os trabalhados aqui. Como Nonato, Camargo e Pachi Filho (2016) mostram, existe um discurso hegemônico nas áreas centrais das cidades sobre acerca das periferias, o que pode nos trazer um contraponto que a visão feita da periferia para a região central é de resistência e até mesmo preconceito pelo fato dessa exclusão, que ocorre há muito tempo. Por isso, quanto ao discurso feito por pessoas ligadas à cultura hip-hop, por exemplo, é importante para dar uma voz a essas comunidades, não só para que mora nesses locais, mas também para mostrar para outras localidades quão rica é a cultura dessa população e evidenciar o que se passa realmente ali, sendo um importante meio de comunicação para as periferias. Por isso, se faz importante o trabalho do jornalismo nesses momentos, como explica Mara Rovida Martini (2018). Ela complementa que as narrativas criadas por esses jornalistas no arranjo periférico falando para um determinado território é o que

diferencia o seu trabalho, já que não podem ser entendidas fora dessa relação com o lugar de pertencimento dos sujeitos representados nas histórias e dos sujeitos produtores da comunicação (MARTINI, 2018).

Assim, dentro da periferia podemos ver um ecossistema próprio. Nonato, Camargo e Pachi Filho (2016) mostram como a violência, que é algo cotidiano dentro dessas comunidades, faz parte das histórias desses cidadãos e atinge muitos moradores quando ocorre com alguém dentro daqueles locais. A identidade da periferia também é construída de maneira diferente: é definida pela geografia, pelo distanciamento do centro, por ser de maioria negra, pobre, e pela vulnerabilidade social. É o que vem à mente de muitas pessoas em função do preconceito existente sobre essas populações desde épocas distantes e reforçado pela circulação de sentidos dos dispositivos midiáticos. Mas ali também é local de resistência, aproximando-se da memória da resistência dos quilombos, que compõe um outro modo de significação em relação a senzala, lugar onde moravam os escravos (CAMARGO; NONATO; PACHI FILHO, 2016). Por isso, o jornalismo, como explicam os três pesquisadores, precisa ser elaborado como uma grande fonte para a periferia, como a voz e representação dela na prática jornalística. Desta maneira, é preciso manter um trabalho próprio dentro das periferias que possam falar o que está sendo pedido e informar aquela população.

Para os jornalistas, é preciso aprenderem outros modelos de sociedade e jornalismo para além dos modelos tradicionais. Como constatam Camargo, Nonato e Pachi Filho (2016, p. 9),

A formação em jornalismo de modo geral confere-lhes o repertório para atuação no mercado de trabalho nos moldes tradicionais. Esses sujeitos passam a ser afetados pelo discurso acadêmico que lhes permite refletir sobre sua condição e sua origem social. (CAMARGO; NONATO; FILHO, 2016, p. 9).

Assim, seguindo a mesma linha de raciocínio, Figaro (2018) entende que as experiências profissionais e o vínculo do jornalista com a região em que se trabalha é um grande ativo para o crescimento do projeto e na característica do arranjo. Mas, ainda assim, existem enormes dificuldades em questões financeiras “A grande tarefa é tornar viáveis tais iniciativas para que elas possam servir de fontes de recursos para a sobrevivência pessoal e como atividade de trabalho que não seja apenas definida por ditames comerciais”. (FIGARO, 2018, p. 184).

Figaro (2018) ainda complementa que tais arranjos sobrevivem pela vontade própria dos jornalistas que querem manter um trabalho social, de projetos do Estado e de financiamentos que ajudam esses veículos. Ou seja, os caminhos seguidos no jornalismo e a segmentação da mídia de massa permitem ver com olhos mais críticos as situações de sua comunidade e como é importante fazer parte e trabalhar para a periferia enquanto jornalista.

Camargo, Nonato e Pachi Filho (2016) também entendem que todo o conhecimento adquirido pelo jovem formado na universidade é a favor e de benefício da “favela”. Para eles, elaborar narrativas que contam a história de determinada localidade, mostrem para o público, da região e de fora, que existem movimentos para além da criminalidade na periferia, torna-se uma ferramenta de luta social. Eles mostram, assim, que o discurso hegemônico das regiões centrais – muitas vezes até preconceituoso -, precisa ser diminuído e combatido.

Trabalhar na periferia com comunicação é uma tarefa que pode ter algumas dificuldades, muito parecidas com as que sofrem veículos centrais que trabalham com arranjos independentes/alternativos. Ou seja, as dificuldades comerciais e econômicas são bem parecidas, já que os meios que eles podem utilizar são semelhantes. Os jornalistas que se propõem a trabalhar com jornalismo periférico, segundo Nonato (2018), têm renda mensal de um a três salários mínimos, sendo, de certo modo, baixo para os padrões de comunicação. A autora mostra, então, que existe dificuldade na equação entre a relação de profissão e renda desses jornalistas (NONATO, 2018). Os dados levantados por ela em sua pesquisa são alarmantes para quem faz jornalismo de periferia e mostra a realidade em que se engatinham esses arranjos jornalísticos em questões financeiras dentro do Brasil. As respostas dadas por esses profissionais variam entre não ter renda com o trabalho, ser *freelancer* e voluntariado.

Seguindo a ideia de sobrevivência dos arranjos, Martini (2018), comenta que vários modelos financeiros para a sustentação desses projetos vêm sendo criados. Porém, mesmo com o avanço tecnológico que beneficia o crescimento desses arranjos, ainda existem muitas dificuldades em sobreviver do próprio trabalho, conforme apresentado por Maria Clara Aquino Bittencourt (2018). A pesquisadora afirma que há certamente mais dúvidas e dificuldades do que certezas e facilidades no que diz respeito à manutenção desses projetos.

Descobrimos, enfim, que o jornalismo comunitário esteve muito ligado à cultura hip-hop dos anos 1990. Isso abriu espaço para mudanças na postura e na fala da periferia, trocando seu significado e ampliando a visão social vivida pelas pessoas que moram ali. Assim, o jornalismo focado na periferia teve grande importância para novos métodos jornalísticos e sociais, dando valores e contribuindo para as comunidades que precisavam daquele tipo de comunicação. Mas, para que exista um jornalismo de forma responsável e coerente dentro desses locais, precisa-se de muito mais que apenas a vontade de falar sobre o assunto.

Portanto, jornalistas que começaram ou querem começar a trabalhar para as periferias precisam ter um conhecimento desses locais, seja por seu trabalho sistemático neles ou por residir em uma dessas localidades. Além disso, a questão financeira ainda traz muitas dúvidas quanto a manutenção desses veículos. Esses arranjos ainda engatinham economicamente e buscam a melhor forma de conseguir a sobrevivência a partir de um jornalismo comunitário. Compreendemos que a vida universitária influencia muito para o jornalista pensar em um trabalho que faça a diferença para a sua comunidade, aprender, a partir do jornalismo tradicional, a envolver-se, a escrever em um formato inteligível à periferia e ver a importância desse cenário para a população.

## 2 REPRESENTAÇÃO: DO CONCEITO À QUESTÃO DO HIP HOP

Após analisarmos como as mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas auxiliaram na emergência tanto de iniciativas independentes/alternativas, em geral, quanto de jornalismo periférico, em particular, centramos aqui na importância da representação para o discurso jornalístico para iniciarmos a compreender como o hip-hop é representado no jornalismo. Para isso, tratamos das noções de mediação e representação a partir de Roger Silverstone (2002) e Stuart Hall (2016). Em seguida, abordamos especificamente o hip-hop.

### 2.1 Pensando a questão da representação

Compreender a representação em suas relações com o jornalismo significa apreender como se dá sua produção e circulação de sentidos e significados. Nomear é produzir sentidos. Aqui adotamos a noção de representação para nomear o que outras teorias poderiam chamar de “enquadramentos” ou “olhares” jornalísticos. Essa escolha se deu a partir da percepção de Hall (2016) sobre o circuito da cultura, envolvendo circulação de significados. A representação é um desses parâmetros em meio à totalidade de como ocorrem as relações entre mídia e sociedade.

Roger Silverstone (2002) explica que o processo de mediação implica numa constante transformação de significados em pequena ou grande escala, na medida em que é veiculado um texto da mídia ou sobre ela. Esse processo abrange não só o consumidor da mídia, mas o produtor dela também, o quanto ele está engajado na mediação daquela matéria e como ele quer que seja traduzida para os consumidores. Podemos tomar alguns exemplos que demonstram de que modo é trabalhado a mídia tradicional e os veículos alternativos e independentes. Em matéria publicada pelo veículo periférico Voz da Comunidade com o título “Mídia e Favela: Como se dá essa relação”<sup>1</sup> é apresentado dados de notícias feitas pelos veículos de grande massa sobre as favelas. 47% das notícias veiculadas eram sobre violência, criminalidade e drogas, enquanto 2% eram sobre projetos sociais e 1% era esporte e lazer. Essa falta de conhecimento mostra as diferenças de veículos e o

---

<sup>1</sup> Opinião | Mídia e Favela: como se dá essa relação. 26 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.vozdascomunidades.com.br/comunidades/opiniao-midia-e-favela-como-se-da-essa-relacao/>. Acesso em 20 de março de 2020.

quão são importantes esses arranjos, pois, como mostraremos no próximo capítulo, já podemos notar o quão limitado é as matérias destacadas dos jornais *mainstream* sobre as periferias e favelas.

A partir das ideias de George Steiner, Roger Silverstone (2002) trata a mediação como uma tradução. Ela nunca é completa, sempre transformativa e nunca, talvez, inteiramente satisfatória. Isso significa que as representações midiáticas e a circulação de sentidos – sobre periferia, hip-hop, ou mesmo jornalismo –, dependem de redes de sentido envolvidas nos processos comunicacionais.

Silverstone (2002) exemplifica o processo de mediação com um jornalista que vai até um monge budista e vive um tempo naquele local para fazer um documentário. Assim, ele conhece toda a cultura e o ambiente. Após isso, ele repassa todas as informações para o cinegrafista e o diretor e, assim, começam as gravações. Tempo depois, o jornalista encontra um monge, e ele diz que não gostou daquelas gravações, pois ela não teria mostrado ou representado a história daquele local. Isso coloca para nós que a mediação é um trabalho de representação que é difícil e depende dessa circulação de significados.

Em documentário feito com o nome “Falcão: Meninos do tráfico” (2005), os diretores MV Bill e Celso Athayde, apresentaram o vídeo de apresentação das cenas feitas por eles em uma festa na favela que reuniu artistas e um jornalista que MV Bill relata no livro com o nome de “branco alto engomadinho”. O documentário se propusera a conhecer jovens traficantes pelo país inteiro e apresentar a história desses garotos que, desde cedo, enxergavam no tráfico uma alternativa de renda, o que é bem comum em todas as periferias existentes do Brasil. A informação dada pelos diretores com esse vídeo que apresentava esses jovens já era conhecida na favela. Porém, a tradução daquela notícia feita pelo jornalista foi diferente: “O rapaz da Globo gravou covardemente, ou até mesmo profissionalmente, o telão, e na manhã seguinte eu era o cara mais procurado do país. As únicas imagens que foram ao ar das armas”<sup>2</sup>. (FOLHA DE SP, 2006). Após os acontecimentos relatados, a mídia tradicional criou uma bola de neve desse acontecimento em outros veículos e noticiários, chegando a relatar que o rap era “música ruim”, deturpando totalmente a proposta dos diretores e criando uma visão para os consumidores diferentes na qual

---

<sup>2</sup> Fantástico exibe documentário sobre tráfico juvenil”. Folha Online, 3 de março de 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u58925.shtml>. Acesso em 21 de março de 2020.

é relatado no documentário e conhecido da favela. Esse é um exemplo claro do processo de mediação que Silverstone (2002) explica.

Como já mostrado anteriormente, o jornalista que compromete a trabalhar dentro das periferias ou em arranjo independente e alternativo, precisa ter um embasamento do próprio local. Seguindo esse caminho, Silverstone (2002) explica que a confiança para os jornalistas é a base para que o trabalho desenvolva de forma contundente e que também possa a partir disso, dar confiança para quem consome essas mídias. Assim, a comunicação se baseia em confiar em seu trabalho e que as pessoas também possam confiar.

Mas o próprio Silverstone avisa que a “confiança não molda todas as formas de mediação”. (SILVERSTONE, 2002, p. 42). Discutir a confiança que se tem dentro do processo de mediação é importante para saber proteger e preservar o trabalho jornalístico e a como ele é consumido pela sua população. Silverstone (2002) entende que aprender justamente sobre os processos de mediação aqui citados para os veículos alternativos/independentes é uma necessidade em focar no movimento dos significados através dos limiares da representação e da experiência.

Silverstone (2002) afirma que os processos de mediação não têm relação apenas com a reportagem factual, mas compreendem que a mídia em si é entretenimento e traz outras possibilidades, como a de produzir significados, chamar a atenção, frustrar desejos, oferecer e negar prazeres. Por isso é importante uma diversificação de pontos de vistas e sentidos que estão em concorrência em relação às narrativas jornalísticas: “precisamos compreender esse processo de mediação, compreender como surgem os significados onde e com que consequências”. (SILVERSTONE, 2002, p. 43).

Com o exposto acima, percebemos a importância de circular novos significados a partir de outros arranjos jornalísticos além do *mainstream*. Vimos antes que o processo de mediação entre o jornalista ou o jornalismo em si com a periferia precisa ser mais bem estudado e entendemos qual a importância de ter essa representação dentro de notícias no cotidiano dessas comunidades.

Mas o que é mesmo representação? Stuart Hall (2016) explica que representar é descrever ou retratar algo por meio de descrição, seja de um modelo ou da imaginação. Hall quer dizer que a representação é tirada da nossa mente. Ou seja, quando jornalistas escreve, sobre algum tema, por exemplo da favela, as imagens e a descrição que ele fará sobre o assunto, é o que está salvo na mente

dele. Ele irá representar o que viu com o que está salvo sobre o acontecimento. Mas, o conceito de representar é algo que pode ser lido, visto ou tirado de histórias ou até criado de nossa mente. Por exemplo, anjos, demônios etc. Podemos compreender, então, a partir das colocações de Stuart Hall (2016) que o que era noticiado pela mídia até a década de 1990 criou uma representação para a população do que era a favela e periferias.

Com esses novos arranjos e a emergência do hip-hop, como dito anteriormente, se pode trazer novas representações para essas localidades, que, em primeiro momento, já eram representadas, mas de uma forma ruim no imaginário brasileiro a partir da circulação de sentidos engendrada pela mídia *mainstream*. Essas representações criadas pelo jornalismo periférico podem ser feitas por jornalistas que moram ou que já conhecem esses locais, uma vez que entendem como é a rotina das periferias e tem sua própria representação do modo de vida desses locais.

Para Hall (2016), as representações culturais e linguísticas não são verdades imutáveis, já que toda cultura pode mudar o conceito de uma palavra por exemplo. O pesquisador fala sobre o movimento negro nos Estados Unidos que mudou códigos culturais que já viviam dentro do mapa conceitual das pessoas que viviam naquela sociedade. Justamente com o levante de lutas em prol da negritude e contra a segregação racial, a partir dos anos 1960 foram mudadas as palavras como se usava a palavra "PRETO". "Por muitos séculos, sociedades ocidentais associaram a palavra preto com tudo que era escuro, pecaminoso, perigoso". (HALL, 2016, p. 59)

Com o slogan levantado pelo movimento negro "Black is Beautiful" ("Preto é Lindo", em tradução livre), o significado levantado foi totalmente oposto que a sociedade pensava antes, mudando assim, totalmente o conceito e a representação daquela palavra, saindo do preconceito para uma palavra forte, com poder, trazendo algo bom. Sendo assim, as representações culturais podem ser alteradas conforme nossos códigos criados.

Hall (2016) entende que a comunicação é uma parte da nossa cultura, pela similaridade do que ele chama de mapa conceitual. Para ele, nós nos comunicamos "porque compartilhamos praticamente os mesmos mapas conceituais e, assim, damos sentido ou compartilhamos o mundo de maneira mais ou menos semelhantes. Isso é, de fato, pertencer a mesma cultura". (HALL, 2016, p. 36).

Porém, representar é apenas o início de entendermos tudo que envolve esses processos dentro da comunicação e da cultura. A linguagem é também um ponto importante para entendermos o processo de representar, já que é apenas com ela que conseguiremos modificar os sentidos e conceitos, como falamos antes, de como era representada a periferia e, a partir da linguagem, conseguimos estabelecer outros pontos de vista e representar de maneira diferente.

Sendo assim, Stuart Hall (2016) denomina a linguagem como o segundo processo de representação. Ele afirma que a existência da simples fala ou como ele mesmo cita a linguagem comum nos possibilita traduzir nossos pensamentos. Podemos exemplificar o que vemos, e no caso onde estudamos é o dispositivo que utilizamos para disponibilizar ao público para representar o que está acontecendo e como está acontecendo. “A existência da linguagem comum nos possibilita traduzir nosso pensamento em palavra, sons ou imagens, e depois usá-los enquanto linguagem para expressar sentidos e comunicar pensamentos a outras pessoas”. (HALL, 2016, p. 37).

Hall (2016) ainda usa o termo signo de forma a identificar se palavra, sons ou imagens carregam algum sentido. Ou seja, há signos que representam os conceitos e as relações entre eles, que carregamos em nossa mente e que, juntos, constroem os sistemas de significado da nossa cultura, sendo atualmente os dispositivos midiáticos os responsáveis por disseminar os signos em palavras, sons e imagens das culturas específicas estudadas.

Ou seja, os processos que Silverstone (2002) fala sobre a mediação que os jornalistas precisam cuidar, estudar e saber, passa pelas explicações feitas por Hall (2016) em relação à representação. Para mediar aquilo que você se comprometeu a comunicar, é necessário saber os processos de representação e linguagem. Por fim, Hall (2016) entende que o sistema de representação, já explicado aqui, é o que dá o sentido ao mundo por meio de uma construção de um conjunto de correspondências e o nosso sistema de conceitos, os chamados mapas conceituais. A relação entre coisas, signos e conceitos é o que liga os processos de representação.

Para Hall (2016), os signos que utilizamos na nossa linguagem podem ser sempre alterados, sujeitos a múltiplas mudanças o que torna assim nossos mapas conceituais, nossa cultura, totalmente mutável. “Por ser arbitrário, o signo é totalmente sujeito à história”. (CULLER, 1976, p. 36 apud HALL, 2016, p. 61). Ou

seja, nossos, códigos, signos e a própria cultura é resultado de um processo histórico, que muda a partir da cultura em que vivemos.

Sabemos, então, quais são os conceitos da representação e linguagem e vimos referências dentre esses dois conceitos na comunicação e nos arranjos alternativos, independentes e periféricos dentro de uma cultura. Mas falando agora no sentido de sujeitos que participam de uma cultura, como poderemos saber que fazemos parte de uma mesma cultura? Como a partir da língua ou da imagem nós sabemos o que é uma periferia? Isso não é feito a partir de um objeto fixado dentro da nossa memória ou de uma representação da palavra periferia em nossa mente. Hall (2016) explica que o sentido não está no objeto, palavra ou na coisa. Somos nós que fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural. Isto é, é a partir da circulação que os sentidos se materializam, atualizam e se naturalizam.

Por exemplo, a polícia dentro das periferias tem um sentido totalmente diferente dos centros. A representação e a imagem dadas à palavra polícia dentro desses locais vieram de uma série de atos que fizeram aquela determinada região, sentisse medo e raiva da palavra polícia, muito causado não só pela maneira de como age a polícia dentro desses locais, mas também pela mídia que sempre retratou a periferia de um modo e retratando a maneira em que a polícia atuava nas favelas e periferias do Brasil, levando a ser para aquela cultura, o inimigo número um para eles. Podemos dar exemplos do veículo aqui analisado “Ponte Jornalismo” que denuncia em algumas de suas matérias as ações feitas pela polícia e como a população periférica reage a ela, sendo um pouco do retrato da representação e imagem da palavra polícia nesses locais. Isso é diferente dos centros das cidades, em que polícia é sinônimo de proteção e respeito. Ou seja, somos nós participantes da cultura que vivemos, os mediadores do conceito de representação e da linguagem.

A cultura não se faz de uma pessoa só, mas é compartilhada, faz parte de um todo, então essas representações não são tão facilmente criadas por uma pessoa que automaticamente todas as outras repetem. São as relações sociais e de sentido que fazem isso. Hall (2016) afirma que pensar a cultura é compartilhar os mapas conceituais que nos habitam, os nossos sistemas de linguagem e os nossos códigos de linguagem. A partir disso, os códigos começam a se estabilizar dentro dessas culturas e faz com que nossa linguagem também se estabilize a partir daquela

cultura fazendo com que nos programe para dizer qual linguagem devemos usar para exprimir nossas ideias.

Portanto, conseguimos compreender que representação, linguagem e o sentido são importantes no estudo da cultura e como elas se relacionam à comunicação em geral. Por isso, pertencer a uma cultura significa você fazer parte dos mesmos códigos, signos etc. Ou seja, você é parte daquele universo e isso facilita quando um jornalista fala aquela linguagem ou quando traduzem ela para o mundo, abrindo aquela cultura para outras. Compartilhar esses elementos da sua cultura é ter o mesmo mapa conceitual de quem faz parte dela, na periferia, por exemplo. Assim, podemos ver que o jornalismo feito dentro de sua cultura para ela própria e levando visão de dentro para fora, é tão necessária quanto o jornalismo tradicional.

## **2.2 Pesquisas sobre Hip-hop e Comunicação**

As representações sobre o hip hop não se dão somente a partir da circulação de sentidos no jornalismo, mas na própria pesquisa acadêmica. Fazer uma pesquisa da pesquisa, nos termos de Bonin (2008), é um movimento tanto para entendermos o próprio campo quanto para compreendermos as representações acadêmicas sobre um objeto específico, neste o caso o hip-hop.

Dentre as pesquisas encontradas, podemos destacar, “Hip hop paulistano, narrativa de narrativas culturais” de Marcos Zibordi (2015), que se propôs a pesquisar como se relaciona as quatro manifestações artísticas do hip-hop e o discurso dele na cidade de São Paulo, trazendo uma visão mais explicativa sobre como eles compõem a cultura hip hop e como são efetivas as referências culturais que ela traz para a periferia e como se relaciona como cultura perante à periferia, mostrando seus inúmeros significados e linguagens específicas dos locais. Esta é uma investigação que cruza a comunicação com a filosofia e a sociologia para explicar o fenômeno que existe entre os elementos e a proximidade com a periferia.

A pesquisa de Zibordi traz um ponto importante de como é visto a cultura hip hop dentro do Brasil e visto pela academia e a grande mídia, sem qualquer interesse em como a cultura hip-hop pode ser importante em vários locais e principalmente pelos jovens. Zibordi (2015) mostra que o rap é o principal alvo de pesquisas pelas

academias e de grande visão da mídia, diminuindo assim, todos os elementos da cultura a um só:

De forma ampla, o hip hop paulistano, narrativa de narrativas culturais, se posiciona, sobretudo, pela diferença entre centro e periferia. Trata-se de uma cultura de contradição, enfrentamento, dicotomia, nascida da exclusão e que se enxerga como heroicamente épica por ter lutado e conseguido seu espaço tanto entre os pares párias, quanto fora dos limites previstos inicialmente pelo contexto cultural, extrapolação que inclusive contradisse preceitos iniciais como distanciamento total da mídia e dos intelectuais institucionalizados na academia, conquista de público socialmente privilegiado, retorno financeiro significativo. (ZIBORDI, 2015, p. 131)

O hip-hop traz consigo uma contrariedade da grande mídia e poucos vínculos com a academia e de um público financeiramente privilegiado, isso já traz o indicativo que ele é feito para as classes baixas e é um grande sucesso entre ela, o que é um descaso da mídia tradicional e quase não lembrada pela academia.

Um estudo semelhante ao citado acima que também vai pesquisar como relaciona a cultura hip hop na periferia, mas nesse caso, em uma específica é o de Celso Martins Rosa (2005), “Comunicação e linguagens das bordas”, que pesquisa no bairro Capão Redondo, local de nascimento do grupo Racionais, como ele se difunde com o hip-hop e de que maneira ele é influenciado por essa cultura. Como os moradores jovens se desenvolvem a partir da música dos racionais e do hip-hop no geral, formando estilos, linguagem e representatividade para aqueles jovens.

Esses dois artigos ainda trazem novos elementos do hip-hop e tentam descobrir a representatividade do hip-hop para as periferias, algo que ainda é novo, que primeiramente podemos notar com a criação dos Racionais MC's e seu sucesso feito no Brasil inteiro, criando um rosto para inúmeras periferias que, a partir dali, puderam ser estudadas e entender esse fenômeno hip-hop para esses jovens que se sentiram representados.

Existem também as pesquisas na área de comunicação que se comprometem a estudar os casos de locais específicos de que utilizam o hip-hop como forma de integração cultural. Ou seja, estudar como os jovens podem se aproveitar de rede que utilizam o hip-hop como uma ferramenta de comunicação com os jovens, dois trabalhos específicos são “Cultura Hip Hop. Identidade e Sociabilidade: Estudo de Caso do Movimento em Palmas” (2007), de Mara Vidal, e “A Comunicação como um instrumento de inclusão social: Um olhar do Relações Públicas sobre a experiência de articulação da Rede Aiyê Hip-Hop” (2006), de Eliciana Nascimento. Dois artigos

bem específicos que tratam de comunicação e hip-hop, com nuances de inclusão social também presentes. Ambos trabalhos abordam uma forma de comunicação independente, mas focando em certos grupos, como explicado no primeiro artigo citado

Apresenta o movimento hip hop de Palmas enquanto uma possibilidade de contestação e expressão identitária dos grupos juvenis urbanos através da comunicação independente, sem a participação da mídia de massa. Nesse sentido, esta pesquisa, perpassa pela identificação dos grupos de hip hop. (SOUZA; VIDAL, 2007, p.1).

Outras pesquisas abordam questões que focam em responder se a cultura hip-hop é uma tribo urbana ou um movimento social, como no caso do artigo de Marcos Fochi (2007), que destrincha a cultura a fim de afirmar qual dos dois a cultura hip hop pertencem para que assim de forma comunicacional consigam criar estratégias de marcas voltada ao público, trazendo diferenças entre o hip hop americano e o brasileiro e analisando as duas culturas.

Ou seja, ainda existem muitas possibilidades de estudar o hip-hop e a comunicação desde a forma de criar uma comunicação de integração, de noticiabilidade e até mesmo de marketing. Também podemos citar ainda a falta de estudos relativos à comunicação criada pelo hip hop em outros estados, cidades e periferias e como ela se move para existir comunicacionalmente e informar esses povos que se alimentam da cultura hip-hop e vivem na borda de suas regiões. As características da cultura hip-hop no Brasil são diferentes. Então, incentivar pesquisas que tratam da comunicação periférica e unir a cultura hip-hop e a do funk nesses arranjos.

Outros pontos levantados em artigos especificam também relações entre periferias de outros estados pela comunicação do hip-hop, como no artigo de Kelly Prudencio e José Geraldo Junior (2013) “Curitiba também tem periferia: Comunicação multiterritorial do hip hop”, que traça as abordagens diferentes do hip-hop na periferia e através da comunicação existente desmistificando abordagens simbolicamente impostas para a cultura hip-hop.

É importante também trazer pesquisas que apresentem visões diferentes da comunicação e o hip-hop não pensando somente como age na periferia, mas que revela o vasto espaço de colaboração que esse tipo de pesquisa pode causar na comunicação com a cultura hip-hop. Os artigos “A relação comunicacional periferia-

centro entre jovens de Passo Fundo a partir do Hip Hop” (2019), de Alexandre Brandão e “Hip Hop como processo comunicacional e sociabilidade para jovens indígenas de Dourados-MS” (2015), de Ariadne Oliveira, trazem pontos diferentes da comunicação mas focando nos jovens, o que mostra uma versatilidade do assunto, entre a comunicação e o hip-hop e como ele pode ter importância na relação dos jovens do centro e da periferia por exemplo, e como é utilizado o hip-hop como cultura para dois grupos sociais diferentes. Em outros povos, como os indígenas, o hip-hop está inserido em muitas camadas sociais, trazendo influências diferentes para determinada classe social, como nos grupos de hip hop de aldeias indígenas e a comunicação do hip-hop para esses jovens indígenas e para as suas tribos.

Assim, conseguimos trazer novos passos para essas pesquisas levantando dados e descobrindo outras relações do hip-hop com a periferia. Isso evidencia como parece haver uma diversidade de representações do hip-hop na academia. É necessário engajar dentro da comunicação e mostrar como ele é importante e afeta esse núcleo social, não só como discurso na música, mas fazendo um trabalho nos discursos dos arranjos alternativos, independentes e periféricos e nas informações para a população que mora nas periferias. Aliando comunicação alternativa e hip-hop, conseguiremos traçar novos caminhos de pesquisas sobre a cultura hip-hop e as suas influências dentro das periferias, principalmente no jornalismo.

Com esse capítulo, mostramos a importância do conceito de representação para pensar a produção e a circulação de sentidos que, aqui empiricamente, implicam nas relações entre jornalismo independente/alternativo e hip-hop. Na segunda parte do capítulo, trouxemos os resultados principais de uma pesquisa da pesquisa para mostrar como, por um lado, há diversidade de representações sobre hip-hop na pesquisa em comunicação, mas, por outro, não há ainda evidências de investigações focadas nas representações do hip-hop pelo jornalismo independente/alternativo no Brasil.

### 3 METODOLOGIA

Os objetivos desta pesquisa poderão ser alcançados via análise de conteúdo dos sites de jornalismo independente/alternativos que têm notícias referenciadas a palavra-chave hip-hop. A pesquisa se baseou entre o período de 2015 a 2019, recortando as principais matérias, notícias e entrevistas que abordam sobre a cultura. Para que a investigação aconteça, é importante ter constante interação com o *corpus* da pesquisa – que neste caso serão quatro portais: “Desenrola e não me enrola”, “Agência Mural”, “Ponte” e “Jornal Nexo”.

#### 3.1 OS PORTAIS

O veículo Desenrola e Não me Enrola foca em matérias somente de vínculo com as periferias, fazendo um trabalho de expandir o que de bom acontece dentro desses locais e fugindo de temas que são recorrentes em alguns outros veículos, como a violência. O próprio “quem somos”<sup>1</sup> do portal comenta sobre:

O Desenrola E Não Me Enrola tem o objetivo de atuar na veiculação de informação sobre os fatos socioculturais que acontecem na periferia de São Paulo. A partir desta premissa, buscamos destacar um olhar positivo nas reportagens escritas e em vídeo que abordam o que de melhor acontece na música, teatro, esporte, literatura e ações desenvolvidas por articuladores culturais das comunidades. (DESENROLA E NÃO ME ENROLA, [2019?])

Ou seja, o Desenrola e Não me Enrola é um veículo que trabalha dentro das periferias para elas próprias, ressaltando as qualidades delas e os principais eventos que ocorrem nesses lugares, um importante trabalho feito dentro dessas localidades, mostrando a união e incentivando a cultura nas periferias, que é escassa.

A Agência Mural nascida em 2010 foi criada a partir da necessidade de trazer mais informações da periferia, com aumento da comunicação e de projetos o trabalho é de erguer a voz das ruas e da comunidade para a própria<sup>2</sup>:

Somos uma agência de notícias, de informação e de inteligência sobre as periferias das cidades da Grande São Paulo, periferias que entendemos como essa área geográfica estendida além do “centro” do poder político-

<sup>1</sup>QUEM SOMOS. **Desenrola e Não me Enrola**, [2019?]. Disponível em: <https://www.desenrolaenaomenrola.com.br/pg/5/quem-somos.html>. Acesso em: 13 de setembro de 2019.

<sup>2</sup>SOBRE NÓS. **Agência Mural**, [2010?]. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/sobre-nos/>. Acesso em 13 de setembro de 2019.

econômico paulistano e que alcança os municípios da região metropolitana. Periferias com menos acesso aos direitos. Periferias menos cobertas pela imprensa em geral. Periferias cujas histórias têm menos holofotes. Periferias habitadas também pelos nossos correspondentes locais. (AGÊNCIA MURAL, [2010?]).

A cobertura da periferia é uma das ferramentas utilizadas pela Mural para deixar o cidadão que vive longe dos centros e que quase não tem cobertura da grande mídia, bem informado, com entrevistas de personagens ou artistas da periferia e o que de principal está acontecendo nas quebradas.

O veículo Ponte Jornalismo traz uma visão diferente dos outros dois modelos, tendo uma luta mais forte de lado humanitário, enfatizando graves problemas sistemáticos que ocorre no Brasil, trazendo uma visão crua do que acontece em guetos e periferias das cidades, sendo uma voz legítima dessa parte da população<sup>3</sup>.

A Ponte surge com uma proposta única no jornalismo brasileiro. Nossa missão é defender os direitos humanos por meio de um jornalismo independente, profissional e com credibilidade, promovendo a aproximação entre diferentes atores das áreas de segurança pública e justiça, com o objetivo de colaborar na consolidação da democracia brasileira. Criada em 2014, tornou-se em pouco tempo uma das principais referências no campo do novo jornalismo praticado por veículos nativos digitais do País, e o único focado em segurança pública e direitos humanos. (PONTE JORNALISMO, [2014?]).

A Ponte é um veículo independente que também se volta às camadas mais pobres, mas não visa apenas às periferias, mas onde o descaso acontece e principalmente a violência que fere a parte pobre da população, sendo recorrente a veiculação de denúncias em suas matérias e a defesa dos direitos humanos. Focando seu material principalmente na segurança pública.

Já o Nexo<sup>4</sup>

É um jornal digital, lançado em novembro de 2015, com o objetivo de trazer contexto às notícias e ampliar o acesso a dados e estatísticas. Sempre de forma inovadora e a partir de conteúdos amplos e instigantes, sua produção editorial privilegia o rigor e a qualidade da informação. (NEXO JORNAL, [2015?])

Um pouco diferente da proposta dos outros veículos, o Nexo redimensiona o trabalho visando dados, estatísticas e história, trazendo dados factuais com uma

<sup>3</sup>QUEM SOMOS. **Ponte Jornalismo**, [2014?]. Disponível em: <https://ponte.org/contact/autores/>. Acesso em: 13 de setembro de 2019.

<sup>4</sup>QUEM SOMOS. **Nexo Jornal**, [2015?]. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/sobre/Sobre-o-Nexo>. Acesso em: 13 de setembro de 2019.

visão de contextualização e curadoria, visando sempre deixar claro a notícia com bases em fontes especialistas no assunto. O modelo financeiro do Nexo também é diferente dos outros veículos, já que se baseia em um formato mais próximo das mídias tradicionais com assinaturas e números limites de acesso.

Foram escolhidos esses quatro portais por suas diferenças e importâncias no meio independente/alternativo. Eles estão presentes em investigações sobre o tema, como Figaro (2018). Deste modo, pude coletar notícias com papéis diferentes para o leitor. Isso também se justifica pelo fato desses veículos terem uma emergência no cenário jornalístico brasileiro nos últimos cinco anos, o que pode trazer novas investigações sobre o assunto. Desta forma, a análise de conteúdo nos ajudará a investigar como se dá a representação jornalística do hip-hop.

A primeira etapa da pesquisa é a pré-análise. Nessa etapa, organizam-se e sistematizam-se as ideias iniciais por meio de escolhas dos textos a serem analisados, a determinação dos objetivos/hipóteses e a formulação dos indicadores ou categorias. A pré-análise abrange a preparação do material a ser investigado em sua profundidade. Ou seja, no princípio da pesquisa, fiz a separação de todas as notícias e reportagens, sobre o hip hop desde 2016 nos portais indicados. Na segunda etapa, explorei o explorar o material coletado. Neste momento, busquei variáveis estabelecidas na fase anterior. Nesta pesquisa, procurei mostrar: a) a relação da notícia com os títulos; b) os sentidos de hip-hop envolvidos na construção da notícia, o que envolve, por seu lado, sentidos sobre periferia, música e mesmo jornalismo.

Para isso, analisamos os quatro portais de notícias, cada matéria que foi produzida entre os anos estabelecidos e tiramos delas suas principais características, sejam de título, enfoque, entrevistados e palavras-chave. Essas categorias foram compostas por: títulos das matérias, palavras chave dos títulos, quem são os entrevistados, como o hip-hop é representado, termos específicos, localização.

Após isso, serão agrupadas as principais palavras que apareceram nos materiais pesquisados e será feito uma nuvem de palavras para exemplificar a partir dessas palavras quais são as representações esperadas. Por fim, ocorre a etapa de análise de dados, em que fiz interpretação sobre como é representada a cultura hip hop por meio dos veículos independentes e alternativos.

### 3.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Segundo Bardin (1967) a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise que serve como instrumento adaptável a investigar campo das comunicações, usando para o investigador documentos e objetivos. O método que é usado se organiza em três polos, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

A primeira fase se dedica à escolha dos documentos que serão analisados, criar as hipóteses e à criação de indicadores que fundamentaram o que será interpretado no final dessa análise. A segunda parte de exploração do material consiste em aplicar sistematicamente as decisões tomadas, codificar, decompor ou enumerar esses resultados encontrados em pesquisa. A terceira parte lida com os resultados brutos obtidos sendo lapidados conforme for a análise, os dados podem ser mostrados com estatísticas, quadro de resultados ou em algum modelo que se ponha em destaque e entendimento as informações.

Bardin (1967) explica os métodos utilizados também em partes, começando pela leitura flutuante na qual ele diz que consiste em estabelecer contato com os documentos analisando e deixando se invadir por impressões e orientações. segunda parte é a escolha dos documentos. O objetivo é determinado e assim escolhendo o universo de documentos suscetíveis para responder o problema levantado. Depois disso, entra a regra da exaustividade que Bardin (1967) explica que uma vez com o *corpus* escolhido, não se pode deixar de fora nenhum documento que seja estabelecido no tempo de pesquisa, sendo necessário a visualização de todos. A regra da representatividade também será usada. Bardin (1967) explica assim “A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial. Neste caso, os resultados obtidos para a amostra são generalizados ao todo”. (BARDIN, 1967, p.127).

A regra da homogeneidade também será respeitada, em que os documentos escolhidos precisam seguir as regras precisos de escolha e não apresentar singularidade fora dos critérios pré-estabelecidos. Após seguir as regras de pesquisa a parte da formulação das hipóteses e objetivos. Bardin (1967) explica que uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar recorrendo o procedimento de análise. O objetivo é a finalidade geral, o quadro teórico que os resultados obtidos serão utilizados.

Devemos também referenciar os índices e a elaborar os indicadores, Bardin (1967) explica que, se um documento contém uma manifestação que tem índices que a análise mostrará. Uma vez escolhido os índices, procede a construção dos indicadores precisos e seguros. “Devem ser determinadas operações de recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidade de codificação para o registro de dados”. (BARDIN, 1967, p. 130).

Antes da exploração do material ocorre a preparação do material no qual ocorre a edição dele como entrevistas, conversas, recortes de jornal e respostas na qual passam numa preparação formal para que assim comecem a ser explorados. Chegando à exploração do material, essa parte é a aplicação das decisões tomada. Bardin (1967, p. 131) explica que “consiste em essencialmente nas operações de codificação decomposição e enumeração em função de regras previamente formulados”.

Por fim, ocorre o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Bardin (1967) explica que os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. Operações simples ou mais complexas permitem estabelecer quadro de resultados nas quais colocam em relevância as informações obtidas em análise.

Deste modo, organizei todos os materiais que precisava da seguinte maneira: primeiro passo foi a pesquisa em seus portais, com a palavra-chave hip-hop, onde pude coletar e analisar as matérias.

## 4 ANÁLISE

A partir dos preceitos metodológicos discutidos acima, apresentamos aqui a análise de conteúdo dos quatro portais jornalísticos em relação às suas representações do hip-hop.

### 4.1 DESENROLA E NÃO ME ENROLA

O portal Desenrola e Não me Enrola tem como propósito trazer notícias da comunidade para ela mesma. Por isso, quando pesquisamos algo relativo a hip-hop dentro de seu portal, nas matérias encontradas serão de em grande maioria informações de evento para fomento da cultura nas regiões periféricas. Então, como podemos ver, essa iniciativa tem como grande gancho fomentar a cultura dentro da comunidade, usando várias formas de exemplos culturais e noticiando as agendas que terão dentro do espaço periférico, auxiliando assim aos moradores e principalmente jovens que ali haverá ou tem algum ponto cultural.

No total, foram doze notícias de 2016 a 2019 encontradas no portal onde a palavra-chave Hip-Hop foi analisada. O portal traz notícias que mostram a busca da população que mora na comunidade paulistana por cultura e que veem o hip-hop como um meio de crescimento intelectual e de empreendedorismo. Podemos analisar como isso pode acontecer nas manchetes: “Inglês na quebrada abre inscrições para turmas de 2019”<sup>1</sup>. Esta é uma matéria veiculada no Portal em 2018 em que um rapper americano dá aulas da língua inglesa em formato de hip-hop no Jardim Ângela, comunidade periférica da cidade de São Paulo.

Nesta manchete, podemos ver que existe uma conexão sendo feita entre formas de ganhar dinheiro com a cultura dentro das periferias, passando uma nova visão de que fazer hip-hop também é algo lucrativo para os jovens da periferia. “Batalha de MC’s unem empreendedorismo ao hip hop no Jardim Ângela”<sup>2</sup> evento que ocorre no mesmo bairro onde ensina aos jovens a como empreender seu

<sup>1</sup>INTERCÂMBIO cultural: Inglês Na Quebrada abre inscrições para turmas de 2019. **Desenrola e Não me Enrola**, 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.desenrolaenaomenrola.com.br/noticia/574/intercambio-cultural-ingles-na-quebrada-abre-inscricoes-para-turmas-de-2019.html>). Acesso em 21 de setembro de 2019.

<sup>2</sup>BATALHA de MC’s unem empreendedorismo ao hip hop no Jardim Ângela”. **Desenrola e Não me Enrola**, 29 jun. 2017. Disponível em: <https://www.desenrolaenaomenrola.com.br/noticia/390/batalha-de-mc-acute-s-une-empreendedorismo-ao-hip-hop-no-jardim-angela.html>. Acesso em 21 de setembro de 2019.

trabalho e ao mesmo tempo fazer a batalha de MC's. O trabalho cultural se expande em outras matérias que trazem eventos de rimas, grafite e socioculturais.

As manchetes “Praça de wi-fi vira espaço para produção artística de jovens no Grajaú”<sup>3</sup> e “Jovens promovem segunda batalha de rima em Paraisópolis”<sup>4</sup> destacam o contexto de como são representadas essas notícias no site, pois esses acessos culturais remetem aos jovens e ao espaço que eles precisam dentro das periferias. Em uma das notícias é encontrada a palavra “Juventude Periférica” na qual remete ao espaço que os jovens têm em regiões de pouca cultura e arte.

O subtítulo traz um modo textual diferente do que é aprendido no jornalismo tradicional, onde é ensinado um certo limite de caracteres, porém, o veículo faz alguns chegando até mesmo a oito linhas, trazendo quase toda a informação já de cara, sabendo que possivelmente o leitor não vá querer chegar até o final da notícia ou pensando no público alvo que tem uma leitura rápida na maioria das vezes. O que é claro deixado pelo portal é a maneira positiva que é abordado nas matérias toda e qualquer evento ou disponibilidade cultural para a quebrada, sem ter pontos negativos e fomentando a informação cultural para o seu público-alvo que é os moradores das regiões periféricas de São Paulo.

Por ter um grande apelo de informação de onde encontrar o hip-hop na comunidade, as matérias que o portal representa com o termo hip-hop não tem tantas fontes. Uma das matérias que destaca mais algumas fontes é a de 2019 com a manchete “Coletivos resistem a proposta do fechamento da casa cultural hip hop”<sup>5</sup>, na qual foi noticiado uma grande intervenção dos moradores para que não se fechasse a casa cultural na comunidade, uma intensa briga com o poder público. Foram fontes daquela matéria um professor, um artista, uma jovem que fazia parte da casa e uma moradora. A seguir, trecho da entrevista de Davi Albuquerque veiculada por Desenrola e Não me Enrola:

---

<sup>3</sup>PRAÇA de wi-fi vira espaço para produção artística de jovens no Grajaú”. **Desenrola e Não me Enrola**, 15 out. 2019. Disponível em: <https://www.desenrolaenaomenrola.com.br/noticia/616/praca-de-wi-fi-vira-espaco-para-producao-artistica-de-jovens-no-grajau.html>. Acesso em 21 de setembro de 2019.

<sup>4</sup>JOVENS promovem segunda batalha de rima em Paraisópolis. **Desenrola e Não me Enrola**, 21 nov. 2017. Disponível em: <https://www.desenrolaenaomenrola.com.br/noticia/513/jovens-promovem-segunda-batalha-de-rima-em-paraisopolis.html>. Acesso em 21 de setembro de 2019.

<sup>5</sup>COLETIVOS resistem a proposta do fechamento da casa cultural hip hop. **Desenrola e Não me Enrola**, 10 jun. 2019. Disponível em: <https://www.desenrolaenaomenrola.com.br/noticia/582/coletivos-resistem-a-proposta-de-fechamento-da-casa-cultural-hip-hop-jacana.html>. Acesso em 21 de setembro de 2019.

“O ato hoje é um repúdio ao pedido da prefeitura, estamos mostrando que tem muita cultura sim, mas cultura feita por nós, uma cultura nossa, uma cultura que acabe com o extermínio da nossa população, uma cultura que há conscientização e afeto”. (DESENROLA E NÃO ME ENROLA, 10 jun. 2019).

Essa notícia trouxe apoio para a parte da comunidade, com palavras fortes e comentários vindo dos cidadãos como um grande apelo contra a prefeitura. Sendo assim, é um jornal independente que visa toda a defesa para a comunidade e procura apresentar o que ela pensa, como uma grande porta para o mundo ver como é a união e o trabalho dentro de uma periferia. Quando pesquisada por outras palavras que remetem a hip-hop, como já comentado antes, Rap, Break (dança de rua), Dj, Grafite, são encontradas 28 matérias que abordam o mesmo sentido mas sem falar em hip-hop, mas fazendo parte da cultura, por isso apresentaremos a também algumas dessas notícias.

A matéria “Representatividade do slam e das batalhas de rima inspira autoafirmação da juventude periférica”<sup>6</sup>, traz a importância da cultura do hip-hop para a quebrada e como ela pode salvar a juventude que ali sobrevive meio ao caos diário da falta de dinheiro, educação e saúde. O próprio portal apresenta a sua opinião de forma bem forte quanto a ideia de que estão passando.

Com o amplo processo de apagamento histórico, silenciamento e invisibilidade cultural, pela qual a juventude periférica passa cotidianamente, se torna cada vez mais comum a perda de suas identidades, o que tem como consequência a busca por padrões de beleza e de vida normativos, impostos pela sociedade do consumo. Como forma de transgressão social, esses jovens criam dentro de si uma grande necessidade de serem ouvidos e vistos e nesse sentido, os saraus, slams e as batalhas de rima se tornam espaços de visibilidade, encontro e transformação social. (DESENROLA E NÃO ME ENROLA, 01 dez. 2018).

Ou seja, o portal também dá a sua voz aos problemas da periferia e embasa a importância de compartilhar aquela informação ao jovem e ao morador daquela quebrada.

Na manchete “Praça de wi-fi vira espaço para produção artística de jovens no Grajaú”, o portal deu visibilidade ao ponto de entretenimento dos jovens e onde ele se situa. O local que recebeu wi-fi livre, assim como outras praças da região, virou

---

<sup>6</sup>REPRESENTATIVIDADE do slam e das batalhas de rima inspira autoafirmação da juventude periférica. **Desenrola e Não me Enrola**, 01 dez. 2018. Disponível em: <https://www.desenrolaenaomenrola.com.br/noticia/564/representatividade-do-slam-e-das-batalhas-de-rima-inspira-autoafirmacao-da-juventude-periferica.html>. Acesso em 21 de setembro de 2019.

pauta pela juventude que vai até o local e se encontra para fazer rimas, com a ajuda do wi-fi, isso se tornou mais comum na região onde a cultura pode ser propagada. O portal mostra assim, de forma bem positiva de como a tecnologia pode trazer bons frutos para a região e uma simples ação que atingiu muitas outras praças, pode ser importante para aquele local específico que carece de ações boas e da tecnologia.

Nessa matéria são entrevistados dois jovens, um de 17 anos e outro de 18, que se juntam ali para fazer rap e *trap*, e é mostrado de uma forma bem positiva esse evento na qual a praça propõe. Além de trazer o mundo artístico e cultural junto com o hip-hop para a periferia, outros meios de trazer conhecimento para aquela localidade são noticiados pelo portal, como a economia. Podemos analisar nessa manchete “Feira Livre de Quebras discute empreendedorismo, economia solidária e comunicação no Jardim Ibirapuera”<sup>7</sup>. No primeiro parágrafo da mesma matéria, podemos ver um grande cuidado em desenvolver a propagação da feira e o quanto ela pode ser importante para aquela região.

Para trazer novos olhares sobre o empreendedorismo e a economia solidária na periferia, a 2ª edição da Feira Livre de Quebras ocupa durante os dias 4 e 5 de novembro a Casa do Bairro, espaço que trabalha em prol do desenvolvimento local e comunitário, localizado no Jardim Ibirapuera, zona sul de São Paulo. (DESENROLA E NÃO ME ENROLA, 25 out. 2017).

Ela traz informações de serviço logo no início. A segunda parte traz os eventos artísticos com a programação completa de artistas do cenário rap, na qual farão parte da feira livre, trazendo a importância de conscientizar sobre economia aquele povo que carece de informação, junto com um espaço cultural que é difundido amplamente na quebrada, fazendo um agregado de informações possíveis para um evento necessário.

Essas duas matérias são algumas que focam em como o portal quer fomentar o hip-hop dentro da comunidade como cultura e economia, mesmo não citando ele indiretamente, mas sim em suas vertentes, todos eles ligados em prol do crescimento da periferia por meio do hip-hop. Isso tudo é realizado a partir de uma visão diferente do que a cultura pode proporcionar para a comunidade, com um

---

<sup>7</sup>FEIRA Livre de Quebras discute empreendedorismo, economia solidária e comunicação no Jardim Ibirapuera. **Desenrola e Não me Enrola**, 25 out. 2017. Disponível em: <https://www.desenrolaenaomenrola.com.br/noticia/495/feira-livre-de-quebras-discute-empreendedorismo-economia-solidaria-e-comunicacao-no-jardim-ibirapuera.html>. Acesso em: 21 de setembro.

caráter de inclusão dos jovens, conhecimento e um futuro com um olhar diferente para aqueles que o praticam e buscam dentro da periferia.

O que a iniciativa nos diz é que, para os jovens se auto afirmarem em meio a um contexto racista/classista, precisam de um empreendedorismo - não como o das elites -, mas baseado em economia solidária, para fomentar a produção artística. Isto é, o hip-hop não é uma diversão gratuita, mas também possibilidade de trabalho e afirmação na vida social.

Para cada portal, juntei todas as palavras que apareciam nas matérias e fiz uma nuvem de palavras, identificando quais são as mais faladas e explicando o porquê das principais aparecem e qual sentido e conexão isso tem na forma em que o veículo quer passar a informação e para quem.

Entre as palavras mais usadas que puderam ser encontradas do portal Desenrola e Não me Enrola, foram: “cultura”, “espaço”, “evento” e “jovens”. A palavra “cultura” foi usada em todas as matérias, em um total de 74 vezes. O mais interessante é a forma como a cultura é noticiada pelo portal, pois de todas essas vezes, podemos notar uma diferença grande nas formas em que cultura é retratada, como: cultura negra afro-americana, raízes culturais do hip-hop, educação popular e cultura, atividades culturais, ações culturais, cultura hip-hop. Todas essas culturas retratando movimentos culturais que ficam dispostas na região geralmente são associadas a coletivos de hip-hop que fazem ações sociais e culturais e também às casas de cultura de hip-hop, onde acontecem os movimentos para aprendizado e união de jovens, que, em sua maioria, são os principais destinos na qual as notícias são feitas.

A palavra “jovem” aparece 16 vezes em matérias no portal, uma das que mais apareceu, mostrando a importância que o portal para o crescimento cultural das crianças dentro das periferias. As palavras “atividade” e “espaço” foram as que mais apareceram também, com 17 e 21 vezes, respectivamente.

A palavra “atividade” mostra que o trabalho de disseminar eventos na região periférica paulistana é grande, mostrando diferentes tipos de arte envolvidas com o hip-hop, nessas matérias é fácil encontrar termos culturais ligados a essas atividades como expressões do tipo: poetas, sarau, arte e educação na região, música, capoeira, batalha de mc’s, poesia, teatro, intervenções poéticas.

Enquanto isso, a palavra “espaço” determina que o portal também quer propagar onde o jovem morador da região pode encontrar um local de cultura e



no caso do hip-hop, trazem Mc's, DJ,'s e grafiteiros. Considerando o hip-hop, as matérias ainda fazem conexões com quadrinhos e livros nas quais apresentam e fazem conexões com as periferias com os entrevistados. Isso acontece com a manchete “Escritor de Diadema vende livros de mão em mão para ir à Alemanha”<sup>8</sup>. A entrevista com Alexandre, o escritor, foca nas suas dificuldades e fazem conexões com a periferia trazendo a parte humana de suas ideias e aproximando da realidade de outros moradores.

A Mural, diferentemente do Desenrola e Não me Enrola, foca nas pessoas que cresceram e se inspiram no contexto da comunidade em suas matérias, mas que trazem a representatividade humana e a luta contra o preconceito, como podemos ver nas seguintes matérias: “‘Sempre terão negros e mulheres nos meus cliques’, afirma Rincon Sapiência”<sup>9</sup>; “‘Cada vez mais, nós meninas negras, estamos nos aceitando’, diz Mc Soffia”<sup>10</sup>; “‘Quebrada Queer’ discute sexualidade e gênero na periferia”<sup>11</sup>

Nessas três entrevistas o portal traz as dificuldades de três modos diferentes que a periferia sofre, tanto Rincon Sapiência que fala sobre o racismo, tanto MC Soffia, que fala sobre as dificuldades de ser uma mulher negra na favela. Eles encontram um debate de enaltecer as pessoas que vêm das comunidades e apresentam um olhar encorajador como também vindo do grupo de Cypher que luta pelo grupo LGBTQ+ dentro das periferias.

“Ao mesmo tempo em que tem a coisa da diversão, as pessoas vão pegar a mensagem que estou querendo passar. Eu falo sobre o feminismo, sobre o empoderamento da menina negra, pra ela gostar do seu cabelo, da sua cor. Acho que as crianças pegam essas referências”, palavras de MC Soffia. (AGÊNCIA MURAL, 22 nov. 2018).

Respostas como essas são essenciais para as matérias feitas pela Agência Mural, pois mostra como está sendo debatido e combatido o preconceito pela mão

---

<sup>8</sup>ESCRITOR de Diadema vende livros de mão em mão para ir à Alemanha. **Agência Mural**, 26 dez. 2018. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/poeta-de-diadema-inflorescencia/>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

<sup>9</sup>SEMPRE terão negros e mulheres nos meus cliques’, afirma Rincon Sapiência. **Agência Mural**, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/sempre-terao-negros-e-mulheres-nos-meus-cliques-afirma-rincon-sapiencia/>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

<sup>10</sup>CADA vez mais, nós meninas negras, estamos nos aceitando’, diz Mc Soffia. **Agência Mural**, 22 nov. 2018. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/cada-vez-mais-nos-meninas-negras-estamos-nos-aceitando-diz-mc-soffia/>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

<sup>11</sup>“QUEBRADA Queer” discute sexualidade e gênero na periferia”. **Agência Mural**, 16 maio 2019. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/quebrada-queer-discute-sexualidade-e-genero-na-periferia/>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

de pessoas que fazem acontecer dentro das comunidades. O trabalho do veículo quando fala sobre hip hop é enaltecer os trabalhos feitos dentro das periferias. As discussões sobre gênero e sexualidade não estão descoladas nem da cultura hip hop nem do contexto periférico, mostrando que essas questões têm um recorte específico dentro desse território, como o feminismo negro e a “quebrada *queer*”.

No total, foram encontradas 26 notícias sobre o hip-hop dentro do tempo estabelecido. Foram marcadas as entrevistas que são o foco de várias matérias da Agência Mural, nele pude notar a presença de três matérias sobre mulheres negras, duas MC’s da periferia e uma sobre mulheres negras das periferias que inspiravam, uma sobre DJ, três sobre Rap, dois músicos e um sobre o crescimento do *Trap* nas periferias, quatro sobre grafiteiros que inspiravam e tinham sucesso na cidade de São Paulo, além de duas matérias sobre livros que são inspirados pelo movimento hip-hop.

Outro papel importante que a Agência Mural desenvolveu foi a criação do Rolê na quebrada, onde o papel informativo é mostrar quais os principais eventos que irão ocorrer nas periferias da cidade de São Paulo. Apresentando todos os serviços que ocorrerão. E as zonas nas quais irá acontecer os eventos. Ou seja, o trabalho é feito para a comunidade e de forma a contribuir para o crescimento de eventos e festas para a população, o crescimento do entretenimento para os moradores.

Outros estilos de matérias foram desenvolvidos pela Mural, na qual mudam a forma de mídia usando materiais em vídeo para a criação de entrevistas no site. Como a do DJ Eric Jay, em um quadro de podcast<sup>12</sup>. Esses dois cenários mostram a diversidade midiática que existe dentro do portal para que o público periférico também consuma novas formas de narrativas.

A Agência Mural também foca suas matérias no grafite, tendo até um especial com grafiteiros na semana do grafite, trazendo história dos artistas que vivem nas periferias de São Paulo, mostrando a importância que um dos atores da cultura hip hop influencia o cotidiano da vida nas periferias, como podemos ver nessas duas manchetes. As matérias foram feitas na semana do grafite, exaltando o trabalho feito

---

<sup>12</sup>PODEPÁ!: Erick Jay, do Manos e Minas, revela como se tornou DJ. **Agência Mural**, 17 jun. 2019. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/erick-jay/>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

por artistas: “Grafite de Coração: moradores da zona leste ensinam arte urbana para crianças”<sup>13</sup>; “O grafiteiro que ilustra estações de trem na zona leste”<sup>14</sup>.

A cada matéria feita, um mapa de onde foi que ocorreu a pauta é deixado na parte de cima do texto, para os leitores acompanharem do mapa, onde fica tal periferia, dando uma importância de onde que é falado, já que muitas pessoas de fora desse mundo se quer tem coragem de colocar os pés em algumas localidades, com medo da violência, tráfico e o preconceito que aquelas localidades geram. Portanto, a Agência Mural é um veículo feito para exaltar as conquistas da quebrada, propagar a cultura que existe nessas localidades e debater sobre os preconceitos que ali existem de uma forma mais leve, com posições de quem mora lá e quem saiu desses lugares.

Das palavras mais encontradas nos acessos dessas matérias destaca-se a palavra “gente”, que aparece 32 vezes, na qual geralmente faz menção do entrevistado, onde sempre conecta a sua resposta ao todo, que no caso a referência é a periferia, definindo que em sua maioria de entrevistados faz parte desse núcleo da população e fala para ele, como no caso da entrevista com MC Marabu: “A mensagem é: a gente vai viver, não importa o que aconteça. Boa sorte pra gente e pra quem for contra, porque eles vão precisar”. (MC Marabu)<sup>15</sup>

A matéria ainda traz opiniões importantes e sempre falando num contexto geral da população, que no caso ele usa o termo “gente” pois se faz parte atuante dos problemas que aquela população sofre:

Para o MC, a música fala sobre a dupla realidade que vive quem transita nas quebradas da cidade e caminha no centro, a dualidade que vive quem é filho de gente preta com a identidade destrocada pelo racismo e que se misturou com os brancos que foram separados por diversos motivos dos benefícios do capital. (AGÊNCIA MURAL, 28 fev. 2019).

Aparecendo corriqueiramente nos textos a palavra “nossa” foi contada 21 vezes, e faz paralelo com a primeira palavra que mais apareceu, pois determina

---

<sup>13</sup>GRAFITE de Coração: moradores da zona leste ensinam arte urbana para crianças. **Agência Mural**, 07 nov. 2018. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/grafite-de-coracao-moradores-da-zona-leste-ensinam-arte-urbana-para-criancas/>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

<sup>14</sup>O GRAFITEIRO que ilustra estações de trem na zona leste. **Agência Mural**, 31 mar. 2017. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/o-grafiteiro-que-ilustra-estacoes-de-trem-na-zona-leste/>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

<sup>15</sup>Estudante de história, professor e MC: Marabu lança segunda música. **Agência Mural**, 28 fev. 2019. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/estudante-de-historia-professor-e-mc-marabu-lanca-musica/>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

também que esteja falando do todo, ou seja, da periferia no geral, como se o portal fosse o local de fala para aquele povo.

Como nesse relato da mesma matéria, feito pelo professor e MC Marabu. Ele emprega o termo possessivo “nossa” para definir sua raiz:

“Estou muito longe de viver no paraíso. A desigualdade social imensa que está presente em São Paulo não nos permite saber como é a experiência de vida do outro, da elite branca, e esse contato gera de primeira uma revolta e a sensação de não pertencimento, depois a gente passa a compreender nossas potencialidades e valorizar nossa trajetória”, explica. (AGÊNCIA MURAL, 28 fev. 2019).

A Agência Mural se define como um local feito e organizado para os cidadãos que habitam as prefeituras de São Paulo, a palavra “zona” aparece vinte vezes, fazendo menção as quatro bordas de São Paulo, também conhecidas como: Sul, Leste, Oeste, Norte. Logo atrás no número de palavras que mais aparece vem “arte” e “rap” com 19 vezes e “grafite” com 18. Ou seja, as matérias, além de falar do povo da periferia, também focam nas artes que mais aparecem na cultura hip-hop, que é grafite e rap.

Em questão de representatividade, em sua maioria, os entrevistados e principais personagens das matérias eram de pessoas negras, todas elas que falam para a periferia ou que são das periferias, mostrando que o espaço de fala que é oportunizado é para as pessoas negras da periferia, na qual falam de seus sucessos, virando um case para as outras pessoas da comunidade ou de pontos importantes para a vida daquela sociedade. Eles sempre dão ênfase para o racismo existente no país.



“O Brasil é um país super racista, mas todo mundo fala que não é racista. Dizem ‘seu cabelo é duro, mas é uma brincadeira’. Não, é racismo. Diversos humoristas usam racismo pra fazer humor, mas não existe piada, é racismo. Racismo não é piada, homofobia não é piada. Agora a gente sabe quem é quem, não tá mais velado. Mas isso é bom, tá ligado, agora a gente consegue se proteger mais e a gente consegue acolher mais quem tá do nosso lado. E isso é muito importante” (PONTE JORNALISMO, 12 nov. 2019).

Um outro comentário foi feito pela diretora de cinema Vita, que é travesti, negra e da periferia<sup>17</sup>:

“Realizar esse filme é uma forma de gritarmos, denunciarmos e respondermos a todas as amarras que nos aprisionam. É ir contra a corrente que segue na individualidade, enquanto propomos um cinema coletivo com corpos da quebrada”. (PONTE JORNALISMO, 25 abr. 2019)

E outro, feito por MC Lírica<sup>18</sup>, que tem descendência indígena:

“Por toda essa violência, por toda essa cultura mesmo, que coloca também o indígena no não-lugar. Como se ele não existisse na sociedade. Nem mesmo os que estão aldeados, né? Se não estiver dentro daquele padrão cristalizado, aquele estereótipo do que é ser indígena, ele também não é considerado índio. Tipo, porque usa celular. Então, assim, quem é o indígena? Ele não existe”. (PONTE JORNALISMO, 22 jun. 2019).

Todas essas entrevistas trazem partes mostrando como é a realidade da periferia e a pluralidade que lá existe, e o problema que todos que fazem parte daquele mundo sofrem, o objetivo do jornal é realmente tocar na ferida, não deixar que aquelas histórias e aquelas pessoas sumam no anonimato e fortaleçam seus trabalhos e suas lutas, além de deixar claro que a luta ali é por igualdade e quebra de barreiras sociais, com um texto carregado e cheio de informações fortes.

Em notícias buscadas sobre hip-hop, a Ponte traz realidades de vários locais diferentes e dificuldades passadas como a manchete sobre os problemas policiais em Teresina, “‘Política repressora da cultura preta e pobre’, diz rapper sobre ações policiais em Teresina (PI)”<sup>19</sup>. Matéria que mostra os problemas de repressão policial na cultura hip-hop na cidade. Mostrar os problemas com a polícia também foi

<sup>17</sup> CURTA-METRAGEM fala sobre como é ser mulher, negra e LGBT nas periferias de SP. **Ponte Jornalismo**, 25 abr. 2019 Disponível em: <https://ponte.org/curta-metragem-fala-sobre-como-e-ser-mulher-negra-e-lgbt-nas-periferias-de-sp/>. Acesso em: 27 de setembro de 2019

<sup>18</sup> ‘QUANTO de sangue indígena você tem nas veias e quanto você tem nas mãos?’. **Ponte Jornalismo**, 22 jun. 2019. Disponível em: <https://ponte.org/quanto-de-sangue-indigena-voce-tem-nas-veias-e-quanto-voce-tem-nas-maos/>. Acesso em 27 de setembro de 2019.

<sup>19</sup> ‘POLÍTICA repressora da cultura preta e pobre’, diz rapper sobre ações policiais em Teresina (PI). **Ponte Jornalismo**, 30 jun. 2019. Disponível em: <https://ponte.org/politica-repressora-da-cultura-preta-e-pobre-diz-rapper-sobre-acoes-policiais-em-teresina-pi/>. Acesso em: 27 de setembro de 2019.

apresentado em outra matéria ligada a hip-hop: “Rap e luto: mães compartilham histórias de violência do Estado em SP”<sup>20</sup>, “Apresentações de hip hop se misturam com depoimento de mães que perderam os filhos, em evento das Mães em Luto da Zona Leste e do Fórum de Hip Hop MSP”, diz o subtítulo da matéria.

Essas matérias mostram que o foco do jornal é apresentar a indignação e lutar com um posicionamento firme aos direitos humanos, principalmente dos mais necessitados, e isso inclui uma importância a cultura hip-hop, apresentado entrevistas com pessoas que sofrem com dificuldades e buscam no rap algo melhor como a entrevista com MC Dark<sup>21</sup>: “Os desafios de fazer rap fora do eixo RJ-SP estão em três pontos, segundo Dark: a mídia que não dá espaço para o cenário baiano, o preconceito com o sotaque e a cultura local que é voltada para o axé. ‘Mas estamos conseguindo furar esses bloqueios’, comemora. ‘Salvador merece’”.

Preso por tráfico de drogas, Dark passou um ano e dois meses na cadeia. Ao sair, decidiu dar outro rumo para a vida. Começou a escrever *Madrugada Fria*, seu primeiro sucesso, ainda no cárcere. Acabou a letra quando já estava em liberdade. “Cada linha significa muito para mim, muita da minha vivência, muita da vivência dos nossos irmãos”, lembra. No som de MC Dark, temas como racismo e violência policial estão sempre presentes. (PONTE JORNALISMO, 15 ago. 2017).

Novamente aparece a violência policial na matéria mostrando que é corriqueiro o assunto no meio das periferias e pessoas que passaram por alguma dificuldade. A Ponte tem como grande lema mostrar os principais inimigos da periferia e nestes se enquadram o preconceito e a questão policial, no qual são temas que aparecem recorrentes quando a palavra-chave hip-hop aparece, o que indica que o rap ainda é um grande balizador desses problemas, já que é uma cultura de rua, na qual jovens pobres se identificam muito e logicamente também é visto com preconceito da polícia já que existe uma conotação criminosa por sua parte.

Em Teresina, os jovens das periferias consomem dois tipos de música: o rap e o reggae. Aliás, esses são os únicos contatos que eles têm com a cultura, já que a cidade não possui aparelhos culturais além da Casa do Hip Hop. Assim como as batalhas de rimas, as casas de reggae, como são

---

<sup>20</sup>RAP e luto: mães compartilham histórias de violência do Estado em SP”. **Ponte Jornalismo**, 19 ago. 2019. (<https://ponte.org/rap-e-luto-maes-compartilham-historias-de-violencia-do-estado-em-sp/>). Acesso em 27 de setembro de 2019.

<sup>21</sup>MC DARK: “o som não é violento, só faço pregar a realidade”, **Ponte Jornalismo**, 15 ago. 2017. Disponível em: <https://ponte.org/mc-dark/>. Acesso em 27 de setembro de 2019.

chamados os locais onde as festas acontecem, também sofrem com a repressão policial. (PONTE JORNALISMO, 30 jun. 2019).

Relato de Teresina, uma das poucas reportagens encontradas que é fora de São Paulo, mas que já faz uma conexão da cultura hip-hop com truculência policial.

“Aconteceu que um cara parou, não sei se foi convidado ou quis fazer um som, e o som falava de brutalidade policial, não lembro a letra da música, mas era de protesto”, relembra o rapper. “Uns quatro minutos depois que um policial passou e ficou olhando, vieram um monte de viaturas, duas pequenas e uma base. O policial veio abordando, já chegou fazendo como se fosse um pai falando com as crianças: ‘Acabou’”, conta. (PONTE JORNALISMO, 30 jun. 2019).

A Ponte torna-se, assim, um agente que coíbe ações do poder, já que a sua principal virtude é a luta pelos direitos humanos. O jornal mostra as dificuldades passadas, retrata elas e apresenta os inimigos daquelas pessoas que habitam a periferia, como movimento LGBTQ’.

O curta mostra, a partir da coletividade e afetividade, como ressignificar e naturalizar as periferias enquanto locais possíveis por meio de sonhos, cultura periférica, solidão da mulher negra e lésbica, hipersexualização do corpo travesti, religiosidade na quebrada, extermínio de negros e LGBTs, e os perrengues do dia a dia. “Nossa estética imprime a nossa linguagem, pintosa e periférica, que está presente na cultura hip hop, nos slam de tua [sic], no afrofuturismo, na poesia marginal e no cine guerrilha”, define a equipe do curta. (PONTE JORNALISMO, 25 abr. 2019).

A manchete da matéria acima (“Curta-metragem fala sobre como é ser mulher, negra e LGBT nas periferias de SP”) mostra os problemas enfrentados pela minoria que busca na cultura algo para entretenimento e luta. A abordagem criada do jornal em todas as matérias é de trazer luta, como duas matérias encontradas apresentando pessoas que eram contra o governo Bolsonaro, apresentando um claro posicionamento político também por parte do jornal.

Dois manchetes que já trazem na capa o protesto contra a eleição do presidente nas disputas presidenciais em 2018, vindo de pessoas de fora mas com o apoio do jornal, mostrando também o lado político do veículo:

“Representantes do movimento Hip Hop se posicionam contra Bolsonaro”<sup>22</sup>, ‘Quem votou Bolsonaro tem mão suja com sangue do preto periférico’<sup>23</sup>.

Fica evidente também o apoio às mulheres da periferia, tanto pelas manchetes que trazem mulheres tanto as fontes que em sua grande maioria de mulheres: “Força feminina do hip-hop comanda o festival ‘Passa a bola... é delas’”<sup>24</sup>. De onze matérias encontradas que tratam sobre a palavra-chave “hip-hop”, 7 delas as principais fontes eram de mulheres, duas entrevistas com MC’s que lutam contra o preconceito. Ou seja, a força feminina dentro do hip-hop pelo jornal tem mais força. Mostrando um papel importante das mulheres dentro do movimento.

A MC Soffia foi matéria também da Ponte “MC Soffia: ‘Se as crianças estão brincando, estão aprendendo’”<sup>25</sup>. A rapper também foi entrevistada pela Mural, o que traz enfoque diferentes de matéria e de manchete. A Ponte traz questões mais éticas e humanas, trazendo um lado mais sério para a cantora de 14 anos:

Em um mundo de valores invertidos e em que as situações de racismo são constantemente minimizadas, a voz de Soffia chega a cortar. A discriminação racial, infelizmente, não tem prazo de validade. Acontece diariamente e com pessoas negras das mais diversas idades. As crianças sofrem e os pais sofrem também. É preciso educar as crianças brancas e ficar atento aos sinais de crianças negras, pois muitas vezes elas não questionam os fatos e apenas se culpam caladas, passando a odiar e negar seus corpos como se fosse errado. (Ponte Jornalismo, 19 de janeiro de 2019).

Os títulos das matérias dão ênfase às falas dos entrevistados em sua maioria, dando voz ativa para aquelas pessoas, geralmente é algo forte, para chamar atenção, demonstrando que ali o espaço é para as pessoas falarem, dar total atenção a elas e serem a voz da periferia: “‘O rap resgata a autoestima que os pretos não tinham’, diz rapper e professor do Grajaú”, “‘Difícil é fazer literatura com barulho de tiro na quebrada’, diz poeta”. Em seus subtítulos, a Ponte Jornalismo também traz linhas grandes, saindo do que é praticado pelo jornalismo *mainstream*,

<sup>22</sup>REPRESENTANTES do movimento Hip Hop se posicionam contra Bolsonaro. **Ponte Jornalismo**, 19 out. 2019. Disponível em: <https://ponte.org/liderancas-do-movimento-hip-hop-se-posicionam-contra-bolsonaro/>. Acesso em: 27 set. 2019.

<sup>23</sup>QUEM votou Bolsonaro tem mão suja com sangue do preto periférico’. **Ponte Jornalismo**, 25 abr. 2019. Disponível em: <https://ponte.org/quem-votou-bolsonaro-tem-mao-suja-com-sangue-do-preto-periferico/>. Acesso em: 27 de setembro de 2019.

<sup>24</sup>FORÇA feminina do hip-hop comanda o festival “Passa a bola... é delas”. **Ponte Jornalismo**, 10 mar. 2017. Disponível em: <https://ponte.org/forca-feminina-do-hip-hop-comanda-o-festival-passa-a-bola-e-delas/>. Acesso em: 27 de setembro de 2019.

<sup>25</sup>MC SOFFIA: ‘Se as crianças estão brincando, estão aprendendo’. **Ponte Jornalismo**, 19 jan. 2019. Disponível em: <https://ponte.org/mc-soffia-entrevista/>. Acesso em: 27 set. 2019.

trazendo pontos importantes e geralmente sério da matéria, como por exemplo: "‘Periféricu’ é um filme ficcional que mostra, a partir da coletividade e afetividade, como ressignificar e naturalizar as periferias enquanto locais possíveis para uma mulher trans negra", "Em evento de mães de vítimas do Estado na PUC, Sol Oliveira, integrante das Mães em Luto da Zona Leste, acredita que atual governo tem legitimado violações dos direitos humanos e reforçado injustiças". Isso serve como um resumo para aqueles leitores da periferia se identificarem com o que estão lendo, algo bem elaborado para prender e continuar a leitura daquela história.

A palavra "gente" aparece 59 vezes nas publicações do portal Ponte. É a palavra que mais aparece e nas buscas ela é encontrada na maioria das vezes como o uso da periferia em geral ou determinando quando um entrevistado fala sobre alguma classe ou em um todo, geralmente é abordado um tema específico, o entrevistado fala num todo e não por si próprio ou seja, sendo ele é o porta voz de quem é da periferia, ressaltando que a voz sempre é dado para aquela população, como no caso da entrevista com o MC e professor Leal.

Mas a parte mais importante da música, afirma Leal, é resgatar a autoestima do povo preto. "O rap vem como um resgate de autoestima que os pretos não tinham antes, que a quebrada não tinha antes. Eu converso muito com os mais velhos e eles falam muito isso, então eu quero resgatar essa autoestima, quero falar que a gente pode ganhar milhão lá em Milão, a gente pode ser melhor do que ontem, fazendo vários gols de placa, independente se for na música, se for na faculdade, a gente tem que fazer o gol de placa, a gente tem que fazer o gol mais bonito, não pra ser reconhecido, mas pra gente mesmo. A essência da música é isso: autoestima", defende o MC. (PONTE JORNALISMO, 12 nov. 2019).

Isso é uma amostra de um caráter coletivo e de grupo do jornalismo periférico em detrimento de uma abordagem centrada no "eu".

A segunda palavra que mais aparece é "anos", sendo citada 48 vezes. Isso ocorre porque a Ponte sempre coloca a idade dos entrevistados, é algo importante para a matéria que se esteja situada a idade da pessoa, isso faz um entendimento de certa forma de qual o conhecimento ou qual a atual vivência daquela pessoa. Também para dar uma importância nos casos de mortes, como nos jovens que foram mortos por policiais e foi feita a matéria na reunião das mães desses jovens.

A outra dúvida persiste há mais tempo. Desde 16 de maio de 2006, Maria Gomes procura por Paulo Alexandre, 23 anos. "Eu só quero saber o que aconteceu com meu filho. Enquanto não sabemos, lutamos para impedir que outros filhos morram", conta. "Fiquei um ano sem ânimo, sem levantar

[sic]. Não entendia de lei até matarem meu filho. O PM foi abordar ele com a arma apontada para o peito e disparou. Alegou ter sido um tiro acidental porque a pistola atira sozinha. E a Justiça o absolveu”, conta Rossana, cujo filho, Douglas Martins, morto aos 17 anos, perguntou ao PM logo ao ser baleado “Porque o senhor atirou em mim?”. (PONTE JORNALISMO, 19 ago. 2019).

A palavra “mãe(s)” aparece 32 vezes e é mais citada nas matérias envolvendo as mortes dos jovens pela truculência policial, as palavras geralmente se encontram.

“Nossa luta é contra um monstro muito forte, mas as mães estão unidas para impedir que tantos outros sejam mortos”, conta Solange de Oliveira, uma das lideranças das Mães da Leste. Sol, como é conhecida, destaca ainda que o evento “é muito importante para as mães receberem apoio das pessoas que se solidarizam com a causa”. Ela perdeu o filho Victor Antonio Brabo, 20 anos, em março de 2015, vítima de três tiros de um policial civil que fazia bico de segurança, em frente a um banco Itaú no bairro de Perdizes, zona oeste paulistana de classe média alta. (PONTE JORNALISMO, 19 ago. 2019).

“Rap” aparece 32 vezes e é o gênero dentro do movimento hip-hop que mais aparece, pois é onde geralmente se encontra a maioria de meio cultural que as pessoas das periferias acham para se divertir e conseguir falar sobre as dificuldades passadas ou ideias que precisam ser ditas.

A palavra “quebrada” aparece 29 vezes. Ela é importante para entender onde que se passa a maioria das histórias contadas pelo hip-hop e na qual a Ponte Jornalismo vai procurar a sua fonte, totalmente ligada a cultura e os casos na quais as matérias são abordadas, no caso desse depoimento no qual deixa claro que o movimento hip hop é totalmente ligado à onde é passado a maioria das histórias que a ponte relata. É o caso de “Ocupação cultural na zona leste de SP é espaço de resistência periférica”<sup>26</sup>.

A importância da cultura Hip Hop vem desde os anos 90 com a ascensão de grandes nomes do cenário musical brasileiro, como os Racionais MC’s, que até hoje têm um peso e influenciam os jovens que buscam se expressar através das palavras. É o caso de Glaucy Alexandre, 17 anos, que há três anos se dedica à poesia e acredita que apenas com as palavras é possível expressar essa desigualdade social: “Eu acho muito mais impactante quando é dito em palavras, e também é muito mais claro. É uma fala de quebrada pra quebrada”. (PONTE JORNALISMO, 01 jun. 2019).

---

<sup>26</sup>OCUPAÇÃO cultural na zona leste de SP é espaço de resistência periférica. **Ponte Jornalismo**, 01 jun. 2019. Disponível em: <https://ponte.org/ocupacao-cultural-na-zona-leste-de-sp-e-espaco-de-resistencia-periferica/>. Acesso em: 27 de setembro de 2019.



#### 4.4 NEXO JORNAL

O Nexo Jornal se diferencia dos outros jornais, pois tem um trabalho muito mais voltado para a população do centro das cidades do que para a população periférica. Ele visa outros pontos específicos de público, mas que tem um serviço atuante nas plataformas brasileiras de mídia visando uma forma diversificada de trazer notícias, ampliando os contextos de dados e de informação diferenciada de outros meios mais comuns. Quando abordados e pesquisado sobre o tema do hip-hop, o jornal traz notícias visando o contexto e de descobertas tanto internacionais como nacionais, como: “Quem é o artista que vai pintar o retrato oficial de Barack Obama”<sup>27</sup>, “Como um musical com hip hop, negros e imigrantes pode mudar a Broadway”<sup>28</sup>, “Como um apagão em Nova York impulsionou o surgimento do Hip Hop”<sup>29</sup>.

Essas notícias trazem um novo formato de como ver o movimento hip-hop, diferenciando dos outros portais que viam o rap de forma a falar sobre as coisas boas, dificuldades, empreendimento e voz de luta dentro da comunidade e visando os moradores desses espaços, o Nexo tende a pensar de uma forma mais de entretenimento e história na qual tenta abordar acontecimentos e questões que trazem algo para a abordagem histórica e cultural, tentando descobrir e apresentar de onde veio, o que está ocorrendo e os cenários que levaram ao hip-hop ser a cultura importante para o mundo. Colocando assim, história dele em pauta, e dando importância para notícias do rap americano, onde surgiu.

O Nexo ainda foca no combate ao preconceito, dando ênfase às lutas das mulheres com manchetes já visando o público feminino e notícias que trazem a força da mulher no hip-hop, como: “A batalha pioneira da primeira estrela feminina do

---

<sup>27</sup> QUEM é o artista que vai pintar o retrato oficial de Barack Obama. **Nexo Jornal**, 12 jun. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/10/16/Quem-%C3%A9-o-artista-que-vai-pintar-o-retrato-oficial-de-Barack-Obama>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

<sup>28</sup> COMO UM MUSICAL com hip hop, negros e imigrantes pode mudar a Broadway. **Nexo Jornal**, 12 jun. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/12/Como-um-musical-com-hip-hop-negros-e-imigrantes-pode-mudar-a-Broadway>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

<sup>29</sup> COMO UM APAGÃO em Nova York impulsionou o surgimento do Hip Hop. **Nexo Jornal**, 15 ago. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/08/15/Como-um-apag%C3%A3o-em-Nova-York-impulsionou-o-surgimento-do-Hip-Hop>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

rap”<sup>30</sup> e “10 lançamentos que deixaram o rap menos machista”<sup>31</sup>, E também dão vozes às mulheres:

Temos uma falsa ideia de que as mulheres alcançaram seu espaço no rap, mas são muitas que ficaram e continuam ficando no caminho. Bem mais do que as que estão na cena hoje. Desde o início do rap já existiam mulheres contribuindo. Mais tarde, o rap se tornou um elemento onde as mulheres puderam romper com as relações de poder masculina que tínhamos nas décadas de 1990 e 2000. Mas o avanço mesmo se deu por meio da comunicação trazida pela internet, da liberdade de distribuir a música e, principalmente, pela criação de coletivos femininos que fortalecem a mulher. (NEXO JORNAL, 02 jan. 2017).

Dando um espaço para as mulheres que sofrem preconceito e na relação de poder masculina, principalmente no rap, mostradas nas músicas.

As manchetes são curtas e sucintas trazendo em poucas palavras um argumento forte para quem quer ler algo relacionado ao tema, o que tem a ver também com a lógica de SEO<sup>32</sup> de escrita jornalística em contextos digitais: “Das mulheres ao hip hop, 4 destaques do Grammy 2019”<sup>33</sup>. A matéria traz dois problemas que são comuns e encaixam num grande festival de música, o Grammy, destacando o poder feminino e a causa do hip-hop dentro dos Estados Unidos, em que sofre um grande preconceito. Traçando um paralelo com o Brasil que também sofre das mesmas dificuldades.

O jornal Nexo também traz em suas notícias a busca pela causa do gênero, mostrando o trabalho e colocando em pauta a discussão dentro do hip-hop, a abertura da discussão dos gêneros dentro da música, já que o rap é reconhecidamente para alguns um estilo de música machista: “Quem são os rappers gays que estão combatendo a homofobia no hip-hop”<sup>34</sup>. E dão opinião firme sobre o tema de gêneros:

---

<sup>30</sup>A BATALHA pioneira da primeira estrela feminina do rap. **Nexo Jornal**, 12 abr. 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/04/12/A-batalha-pioneira-da-primeira-estrela-feminina-do-rap>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

<sup>31</sup>“10 LANÇAMENTOS que deixaram o rap menos machista. **Nexo Jornal**, 02 jan. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/02/10-lan%C3%A7amentos-que-deixaram-o-rap-menos-machista>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

<sup>32</sup>Do inglês, *Search Engine Optimization* (Otimização para Mecanismos de Pesquisa, em tradução livre).

<sup>33</sup>DAS MULHERES ao hip hop, 4 destaques do Grammy 2019. **Nexo Jornal**, 11 fev. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/02/11/Das-mulheres-ao-hip-hop-4-destaques-do-Grammy-2019>). Acesso em 30 de setembro de 2019

<sup>34</sup>QUEM SÃO OS RAPPERS gays que estão combatendo a homofobia no hip-hop. **Nexo Jornal**, 31 dez. 2015. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2015/12/31/Quem-s%C3%A3o-os-rappers-gays-que-est%C3%A3o-combatendo-a-homofobia-no-hip-hop>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

“Rappers gays e bissexuais existem. Eles estão saindo do armário para as batalhas de MCs e para os festivais de música. E isso deve mudar a cara do hip-hop, gênero outrora conhecido pelo machismo dos cliques cheios de mulheres seminuas que ficam com os caras de corrente de ouro”. (NEXO JORNAL, 31 dez. 2015).

E opinam sobre o racismo e a cultura da necropolítica<sup>35</sup>:

Jovens negros como Djonga são os principais alvos desse sistema genocida, resultado de um Estado penal exacerbado pela combinação macabra de encarceramento em massa de pessoas negras e pobres, proibicionismo na política de drogas, proliferação de armas, destruição de direitos sociais, colapso do modelo repressivo de segurança pública, apologia oficial ao ódio e ataques contra as lutas e existências do povo da periferia. (NEXO JORNAL, 26 abr. 2019).

Desta forma, comentam sobre o racismo e mostram um posicionamento em um assunto delicado e muito atual no cenário mundial.

Quando a informação é vinda do Brasil o jornal Nexo traz debates sobre a minoria como no caso dessas duas manchetes: “O lugar do rap na periferia de São Paulo em 2019”<sup>36</sup>, “Djonga, o amor-próprio de uma geração”. Quando falado sobre o rap das periferias, o jornal também se posiciona de forma firme e complementa com opiniões de especialistas dentro de suas matérias: “Discurso da conquista é algo muito presente no hip hop dos anos 2010, trazido por uma geração que teve mais acesso e oportunidades que as anteriores”:

“A maioria dos rappers da geração de Emicida tem diploma de curso técnico ou universitário e muitas vezes começou no rap em festivais de música promovidos nos colégios, acessando a internet em lan-houses ou em computadores pessoais para ouvir, produzir e divulgar música”, escreveu o músico e antropólogo Ricardo Teperman. (NEXO JORNAL, 30 jun. 2019).

O discurso especialista preza o foco no gênero musical e como o rap como música está evoluindo junto a quem o faz, elaborando uma evolução muito mais musical do que no foco como cultura.

O Nexo, diferente dos outros portais, procura trazer fontes especialistas, não vinculando tanto a matéria à periferia, que nesses casos é o ponto onde quer atingir

<sup>35</sup>DJONGA, o amor-próprio de uma geração. **Nexo Jornal**, 26 abr. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/tribuna/2019/Djonga-o-amor-pr%C3%B3prio-de-uma-gera%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

<sup>36</sup>O LUGAR do rap na periferia de São Paulo em 2019. **Nexo Jornal**, 30 jun. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/06/30/O-lugar-do-rap-na-periferia-de-S%C3%A3o-Paulo-em-2019>. Acesso em : 30 de setembro de 2019.

a pauta da matéria. Como o enfoque do jornal é a procura por dados, sempre trazem algo de números ou fator histórico para se embasar no tema.

O fator histórico também surge como pauta para o conhecimento e entretenimento principalmente para a cultura pop como nessas manchetes: “Como um apagão em Nova York impulsionou o surgimento do Hip Hop” e “Hall da fama dos compositores tem seu 1º rapper. Qual a importância da conquista de Jay Z”<sup>37</sup>.

O jornal também embasa-se em conquistas históricas para a cultura hip-hop e visa alcançar o público que pesquisa e consome essa indústria, sem ter um ponto importante dentro da periferia ou da comunidade e sim pontuando dados e história: “O que o hip hop tem a ensinar ao urbanismo, segundo este arquiteto”<sup>38</sup>. Nessa manchete, o Nexo faz uma conexão com um especialista visando um ponto diferente do movimento hip hop e voltando também aos Estados Unidos, caracterizando o formato de noticiabilidade do nexo e visando pontos diferentes aos portais já mencionados como nessa frase do especialista:

É possível interpretar muitas letras de hip hop como uma crítica aos fracassos do planejamento urbano e da falência da cidade como lugar habitável. Um dos primeiros raps de protesto, “The Message”, de Grandmaster Flash & The Furious Five, descreve o cenário como “vidro quebrado por toda parte/pessoas mijando nas escadas/você sabe que ninguém se importa”. (NEXO JORNAL, 28 set. 2017).

O especialista estuda o contexto histórico e social, criando conexões para o discurso do hip hop com a realidade vivenciada e os fracassos do Estado.

O ponto importante do Jornal Nexo é quando pesquisando sobre a palavra-chave “rap”, as buscas são muito maiores colocando uma popularidade dentro do hip-hop nesse estilo, ou seja, a busca do Nexo é focado não em torno da cultura, mas sim dentro do gênero rap, na qual faz parte. O Nexo mantém notícias que tentam captar a essência da cultura hip-hop e descobrir como ela se expandiu e quem foi seus autores. Também procura retratar como era e como é a vida dos subúrbios dos Estados Unidos, focando mais na criação do que na importância deles dentro das cidades do Brasil, podemos estabelecer quase uma linha do tempo de

<sup>37</sup>HALL DA FAMA dos compositores tem seu 1º rapper. Qual a importância da conquista de Jay Z. **Nexo Jornal**, 01 mar. 2019. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/03/01/Hall-da-fama-dos-compositores-tem-seu-1%C2%BA-rapper.-Qual-a-import%C3%A2ncia-da-conquista-de-Jay-Z>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

<sup>38</sup>O QUE O HIP HOP tem a ensinar ao urbanismo, segundo este arquiteto. **Nexo Jornal**, 28 set. 2017. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/09/28/O-que-o-hip-hop-tem-a-ensinar-ao-urbanismo-segundo-este-arquiteto>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

notícias que traçam a criação do hip-hop, como por exemplo nessas matérias: “O que é o ‘break’, que o Google destacou em sua homenagem ao hip hop”<sup>39</sup>, “O perfil do Instagram que resgata a cena cultural de Nova York dos anos 70 e 80”<sup>40</sup>, “21 músicas que ajudam a contar a história do rap”<sup>41</sup>.

Com a maioria do seu foco em direção ao rap dentro da cultura hip-hop e focado também nos subúrbios americanos e seus personagens conseguimos contar que 17 das 29 matérias encontradas sobre hip-hop eram nos Estados Unidos ou sobre alguém que nasceu lá, ou seja um grande foco em como está o momento do hip-hop lá, geralmente pegando de portais estrangeiros algumas entrevistas ou comentários de especialistas, como: “Das mulheres ao hip hop, 4 destaques do Grammy 2019”<sup>42</sup>, “Hall da fama dos compositores tem seu 1º rapper. Qual a importância da conquista de Jay Z”.

Mesmo focando em assuntos exteriores e trazendo a cultura como entretenimento e sua história, o jornal tende a ter opiniões firmes e expor elas dentro de suas matérias como vista anteriormente, uma das poucas matérias que falam sobre hip-hop no subúrbio, tem em seu conteúdo, especialistas e em sua maioria pessoas engajadas em causas pró-periferia e pouca utilização de cidadãos dos locais periféricos: “O lugar do rap na periferia de São Paulo em 2019” (30 de junho de 2019). Essa matéria de 2019 traz a proposta de mostrar o atual momento do rap na periferia e o quanto ele é importante e a força dele comparando com outros gêneros para a comunidade e principalmente jovens, nessa os entrevistados foram: Ricardo Teperman, músico e antropólogo, Luana Ribetti, MC, Xis, Assessor de hip hop, Guilherme Botelho, Historiador e Prodígio, Rapper.

Das palavras mais encontradas, “rap” aparece 145 vezes, mostrando o foco na qual o jornal tem na cultura hip-hop que é muito mais na música do que no

<sup>39</sup>O QUE É O ‘BREAK’, que o Google destacou em sua homenagem ao hip hop. **Nexo Jornal**, 11 ago. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/08/11/O-que-%C3%A9-o-%E2%80%98break%E2%80%99-que-o-Google-destacou-em-sua-homenagem-ao-hip-hop>. Acesso em 30 de setembro de 2019.

<sup>40</sup>O PERFIL do Instagram que resgata a cena cultural de Nova York dos anos 70 e 80. **Nexo Jornal**, 10 nov. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/11/10/O-perfil-do-Instagram-que-resgata-a-cena-cultural-de-Nova-York-dos-anos-70-e-80>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

<sup>41</sup>21 MÚSICAS que ajudam a contar a história do rap. **Nexo Jornal**, 01 set. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2019/09/01/21-m%C3%BAlicas-que-ajudam-a-contar-a-hist%C3%B3ria-do-rap>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

<sup>42</sup>DAS MULHERES ao hip hop, 4 destaques do Grammy. **Nexo Jornal**, 11 fev. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/02/11/Das-mulheres-ao-hip-hop-4-destaques-do-Grammy-2019>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.



#### 4.5 ANÁLISE DE DUAS MATÉRIAS POR INICIATIVA

Na análise empreendida na seção acima, conseguimos observar as peculiaridades de cada veículo em relação à representação do hip-hop, especialmente os signos que mais circulam em com quais sentidos. Já notamos, a partir da primeira fase da análise, que o Nexo Jornal apresenta uma representação jornalística diferente em relação aos outros arranjos. De forma a tentarmos saturar de sentido a análise, escolhemos duas matérias de cada veículo para uma segunda etapa de análise.

As matérias escolhidas tiveram por critério o trabalho que é feito por cada veículo, qual sua atuação e seu público-alvo. No caso do Desenrola e Não me Enrola optei por analisar as matérias “Praça de wi-fi vira espaço para a produção artística de jovens no Grajaú” e “Coletivos resistem à proposta de fechamento da Casa Cultura de Hip Hop de Jaçana”, por trazer detalhes próximos a proposta do veículo e como ele informa para a população periférica as notícias que representam a cultura e espaços da periferia.

Da Agência Mural, as matérias analisadas foram “Cada vez mais nós meninas negras estamos nos aceitando’ diz Mc Soffia” e “O grafiteiro que ilustra estações de trem na zona leste”, por ser próximo a proposta do veículo de ser um mediatizador da periferia e um espaço de reconhecimento dos trabalhos periféricos, artistas e personalidades. E como a linguagem dessa matéria se aproxima desses temas propostos pelo veículo.

A Ponte, como tem o seu enfoque na segurança pública, o direcionamento foi em matérias que focam em assuntos importante para a periferia e personalidades dela, e como a linguagem é utilizada pelo veículo para falar sobre a segurança pública e os locais fora do centro. As matérias “O rap resgata a autoestima que os pretos não tinham’, diz rapper e professor do Grajaú”, “Rap e luto: mães compartilham histórias de violência no estado de SP”, que mostram como o rap e a linguagem presente pode focar tanto na segurança pública desses locais e como o assunto é abordados por personalidades que moram neles.

O Jornal Nexo que traz como proposta temas relacionados ao jornalismo de centro, os critérios escolhidos foram iguais aos outros, trazer a análise de matérias que se aproximam de sua proposta jornalística, por isso as matérias escolhidas foram, “O significado de 'break'” e “Sobrevivendo no Inferno: os 20 anos da poesia

dos Racionais MC's" que tratam de análises e temas históricos do Jornal Nexo, na qual é alguma das propostas idealizada pelo veículo.

O Desenrola E não Me Enrola, veículo de arranjo periférico, traz já em suas manchetes os locais que está se referindo para deixar a par o público-alvo de qual a situação e o que está acontecendo naquele local como nos casos de "Praça de wi-fi vira espaço para produção artística de jovens no Grajaú" e "Coletivos resistem à proposta de fechamento da Casa de Cultura de Hip Hop de Jaçanã". Essas duas matérias também mostram qual o dever do jornal em seu discurso de defender e propagar as culturas, lutas e benefícios existentes nas periferias de São Paulo.

Os discursos dessas duas matérias tratam de dar voz ao povo e escutar o que eles precisam, acham e denunciam. Palavras usadas na primeira matéria mostram como é importante a união da periferia como "na praça de wi-fi que conecta as juventudes de todo o bairro", "artistas que movimentam o calçadão e o Centro Cultural do Grajaú, um espaço público de cultura que está integrado à praça.", "O ato hoje é um repúdio ao pedido da prefeitura, estamos mostrando que tem muita cultura sim", "Com a forte intenção de ecoar a cultura da periferia, as atividades da ocupação vão além da cultura hip hop". Elas também ressaltam a importância da ocupação dos espaços públicos pelas periferias.

Essas frases mostram um jornalismo diferente do que a mídia tradicional faz, na qual geralmente se dá voz às autoridades e não atenção devida às classes populares que vivenciam os problemas. Essas duas matérias trazer dois discursos diferentes, um pelo lado positivo da prefeitura de São Paulo, que coloca *wi-fi* para os jovens irem às praças e a outra é o fechamento de uma Casa de Cultura em outro bairro pela Prefeitura de São Paulo, as duas nesses casos somente deram as vozes a moradores daqueles locais, suas opiniões e seus momentos foram as pautas para as matérias, ou seja, o discurso é da periferia para a periferia, denunciando, elogiando ou oportunizando a fala de quem mora lá.

Outro ponto usado pelo veículo é abrir espaço para as opiniões que tendem trazer a defesa da periferia e também oportunizar talentos que ali vivem, sendo um espaço não só de uma matéria noticiosa, mas também um importante lugar para mostrar os talentos da periferia como nos casos de "Uma das coisas que ele mais gosta de fazer na praça é encontrar a galera e mandar suas rimas", "um sarau ou um pessoal vendendo uma arte. Aqui é o ponto de referência do rolê todo sabe". Além de priorizar as denúncias e o que é feito nas periferias, sempre cabe um

espaço para mostrar os talentos e a cultura que ali existem mostrando de forma a valorizar os espaços. E sempre respeitando o dialeto ali presente.

O discurso jornalístico existente nas matérias da *Desenrola e Não me Enrola* também é se posicionando, seguindo ideias que Silverstone (2002) e Hall (2016) falam sobre representação e mediação para aos consumidores dessa matéria, sentindo-se mais próximos e entendedores daquilo que estão falando como nesse caso:

Com a forte intenção de ecoar a cultura da periferia, as atividades da ocupação vão além da cultura hip hop, fomentando também a organização de um espaço coletivo, gerido de forma autônoma por diversos grupos artísticos de múltiplas linguagens. Desta forma, o espaço dialoga e acolhe a comunidade, difundindo mecanismos para denunciar, discutir e compartilhar conhecimentos sobre o cotidiano de quem mora em territórios que são esquecidos diariamente pelas políticas públicas. (*DESENROLA E NÃO ME ENROLA*, 10 jun. 2019).

Esse discurso se assemelha também às matérias feitas pelos jornalistas da Agência Mural, que focam como no caso desses exemplos que irei mostrar, que o espaço também é dado para representações da periferia e o discurso é muito semelhante de posicionamento e conteúdo.

É terça-feira. Enquanto pessoas circulam pelas ruas do centro de São Paulo para almoçar, Soffia Gomes da Rocha Gregório Correia, a *Mc Soffia*, chega acompanhada da avó na biblioteca Monteiro Lobato, com camisa verde, shorts, boné e cabelos crespos. (*AGÊNCIA MURAL*, 22 nov. 2018).

O início da matéria já mostra que é importante ao jornalista humanizar e caracterizar a entrevistada, sendo ela uma garota normal de periferia, mas que, com o seu talento recebeu seu devido espaço para uma entrevista exclusiva. A matéria inteira tem um discurso de empoderamento da mulher negra e mostrando os feitos da MC que muito nova já teve expressivos espaços e condecorações. “O trabalho tem dado resultado”, “é uma das referências infantis no rap”, “surpreendia o público”. Frases que mostram e dão a entender os passos positivos que a menina dá, esse tipo de discurso é importante para a periferia. Local com pouco espaço para crescimento e muita dificuldade para ter êxito, mensagens positivas, de empoderamento, principalmente entre as jovens negras.

Nesta outra reportagem estudada, o jornalista também logo evidencia que o entrevistado também é da periferia falando apenas com o que ele trabalha, diferente

da MC que foi mostrado como ela estava para trazer a proximidade com a periferia. Nesse caso foram mostradas as inspirações do artista para trazer a representação.

Pai de um menino em tempo integral, como costuma dizer, o artista pernambucano usa os sprays para falar da crise política brasileira, a situação dos haitianos e africanos que povoam Guaianases em busca de um emprego, a questão racial, a truculência da polícia, a poesia das ruas e os problemas sociais. Todos esses são temas comuns na arte urbana do Tody, como é popularmente chamado pelos amigos do Rap, da escola e seus vizinhos. (AGÊNCIA MURAL, 31 mar. 2017).

Outro fator importante para o jornalista é evidenciar o local de onde vem o entrevistado, isso aproxima do leitor, “Nascida e criada na periferia da zona oeste de São Paulo, na Cohab Raposo Tavares”, “Morador de Guaianases utiliza desenhos que provocam reflexões sobre questões políticas e dificuldades da população periférica”.

E localizar a proximidade do trabalho desses entrevistado tanto na forma de influência como pessoa e como artística, esse fator é importante para o jornalista, pois assim não se baseia só na ideia de levar a informação, mas também, de estreitar os laços da notícia, levando ela a valorizar o trabalho ou a se inspirar a partir dele, palavras no texto como “o empoderamento da menina negra”, “o objetivo é servir de exemplo para quem a vê cantar”, “Com apoio e incentivo da família”, “Não teve outra mulher representante do país”. “Cada vez mais, nós meninas negras, estamos nos aceitando, os nossos cabelos, a nossa cor” e “Na estação de trem em Guaianases, grafite de Jesus que questiona os valores religiosos das pessoas”, “direitos da população negra através de outros elementos do Hip Hop”, “Tody fez de Guaianases, bairro onde vive há décadas, seu ateliê a céu aberto”.

Essas frases usadas nos textos trazem duas representações, a pessoal, como a jovem negra MC Soffia como a de localidades, do grafiteiro Tody que continua trabalhando no seu bairro e faz dele algo melhor, ou seja, atribuições de sucesso para fora da “quebrada” e case de sucesso dentro dela.

A Ponte já traz o discurso mais voltado para levantar questões, levando uma conversa mais séria e de denúncia. Deixando bem claro que a população sofre e se questiona. Um trabalho bastante interessante do jornalismo que surge como uma luta para a população levantar bandeiras e ter um canal para denunciar e questionar problemas sociais e abusos de autoridades. No caso da matéria “‘O rap resgata a autoestima que os pretos não tinham’, diz rapper e professor do Grajaú”, o jornalista

já traz um discurso importante na manchete, uma fala do entrevistado que já representa a importância da cultura para os pretos, principalmente os que moram nas periferias. Esse é um trabalho que Hall (2016) explica em questão da representação das palavras, assim, aquelas pessoas daquela comunidade, se sentem representadas pelo discurso do entrevistado e pela abertura que o veículo dá a essas entrevistas.

Nesta entrevista, a Ponte apresenta a vida de Leal Cash, professor de história, rapper e morador de periferia. Uma matéria bem ampla tratando de vários assuntos de um jovem que de certa forma conquistou seus objetivos nunca saindo da periferia, e é isso que o discurso dessa matéria passa e o quanto ela soa importante para quem mora nas periferias, principalmente de São Paulo. O mais interessante na narrativa feita dessa entrevista é a preocupação em evidenciar todos os papéis que o rap tem dentro dos bairros periféricos e a pluralidade que existe nele, desde homens, mulheres, LGBTs, pretos, brancos etc. A representatividade é muito grande e o veículo se preocupa com isso.

No discurso do jornalista, conseguimos evidenciar algumas falas características com: “Cria da Vila Natal”, um termo utilizado popularmente no dialeto periférico, trazendo essa aproximação no discurso. A entrevista também traz características das periferias paulistas: “mas Leal, apesar de não ser corinthiano, é fiel ao antigo amor pelo futebol”, sabendo que a maioria da população periférica de São Paulo torce para o Corinthians. O jornalista que fez a entrevista tem a liberdade de opinar dentro dos assuntos e expor a sua opinião para a população, importante também para, além de apenas uma entrevista, informar a população periférica e os interesses dela. “O rapper questiona também o racismo no Brasil, principalmente o racismo velado, aquele preconceito que não é explícito, que sempre foi queixa dos movimentos negros. Para Leal, o governo Bolsonaro também trouxe à tona os racismos.”, um discurso que informa para aqueles que moram na periferia também sobre política.

Algumas ideias apresentadas na entrevista mostram algumas frases muito próximas as da realidade de quem mora na periferia, e um discurso de conscientização dos jovens que moram nessas localidades, ideias sobre preconceitos e lutas dessa parte da população trazem uma proximidade do discurso entre o entrevistado e quem mora nesses locais, além de ser um local de fala que acrescenta ao leitor um discurso de luta. Os trechos retirados da matéria:

“O racismo e a discriminação do lugar onde ele nasceu”, “mostrar a importância de ser um morador de periferia, ser jovem e dialogar com os alunos”, “Enquanto tiver injustiça, enquanto tiverem [sic] matando um dos nossos eu vou falar. Não vou me esconder. Foda-se quem tiver no poder”, “O racismo, velado e direto, também está na canção”, “Para ele, as pessoas olham a periferia de cima e veem só as estatísticas e números, sem se importar se ali tem trabalhadores ou cultura. Mas afirma: no Grajaú ainda tem muito talento escondido ainda”,

Todas essas frases evidenciam um discurso muito representativo, um trabalho de cidadania para quem é preto, pobre, de favela, e que essas pessoas são muitas. O trabalho cuidadoso das palavras e de como relacionar-se com esse público traz o conhecimento do jornalista na entrevista para levantar debates para a população, na qual ele quer informar e também do próprio veículo que entende que a cultura hip-hop, as pessoas que as fazem e tudo que se engloba neste mundo, tem uma direção e sabe para quem a fala, e como a fala.

As perguntas, quando feitas sobre o rap, tentam trazer todos os públicos engajados na cultura, como nos casos do aumento do grupo LGBT fazendo rap e como isso é bom tanto para a pessoas como para a cultura hip-hop:

“Eu sempre apoio. Não quero ver só pessoas brancas no rap, quero ver pessoas negras ganhando igual pessoas brancas, quero ver mulheres ganhando cachês igual os caras. Eu fico muito feliz quando surgem novos grupos com pessoas LGBTs, porque o rap é isso, rap é união, a gente tem um inimigo e o inimigo é o sistema, é o sistema que fode a gente”, finaliza o rapper. (PONTE JORNALISMO, 12 nov. 2017).

Em relação ao rap, o veículo tenta sempre evidenciar no discurso como ela é importante para a vida das pessoas e como as ajuda em momentos de dificuldade, como no caso da matéria “Rap e luto: mães compartilham histórias de violência no estado de SP”. O discurso dessa matéria traz uma narrativa diferente da anterior, mostrando que o veículo tem a intenção de mostrar histórias, contar sobre as dificuldades passadas e expor outras necessárias que trazem momentos de extrema dificuldade, principalmente vinda do estado, trazendo uma visão defensora para aquele público periférico.

A narrativa construída para essa matéria se intercala com fotos o que mostra ser um discurso pesado, emotivo, que apresenta não só em texto, mas em imagens o que estava acontecendo naquele debate. As imagens trazem um discurso de

proximidade com muitas outras mães que já passaram por isso, de forma em que que a sucessão dos fatos vai criando uma narrativa do evento entre textos e fotos.

Foram, no total, total 16 imagens que mostravam as mães juntas, intercalando com textos na qual mostravam a dor e o que as mães tinham para falar sobre seus filhos, sem deixar de comentar sobre a música que ali tocava, uma representação bem forte do que é a periferia.

Entre as palavras encontradas na matéria, podemos achar algumas bem específicas “Rap, lágrimas e histórias de mães que perderam os filhos vítimas da polícia”, “vítimas da letalidade da ação policial”, “vítima de três tiros de um policial” , “morreu injustamente”, “O PM que matou, porque mataram nossos filhos”. Dificilmente é visto nas mídias tradicionais uma defesa ou palavras que apoiem a vítima, geralmente a última fala é sempre da polícia. O cuidado que tem no texto do repórter é que, ao saber do que se passa na periferia, trabalha de modo diferente e representa como sofrem as mães desses lugares que perdem seus filhos. A palavra “vítima” usada, demonstra que se sabe que a pessoa é uma vítima da sociedade, que passou talvez por muitos problemas e só virou estatística para a polícia, isso é o comum para a periferia e o portal de notícias Ponte consegue trazer em suas matérias um discurso politizado, a favor desses espaços, mostrando a cultura e a violência sofrida pelos moradores de bairros periféricos.

O jornal Nexo traz discurso mais centrado no conhecimento, como se estivesse apresentando às pessoas o que é aquela cultura, como uma curiosidade. Por exemplo, nos casos de “O significado de 'break'”, “conceito do “break estendido”, pontuando partes mais técnicas e não pensando em um todo, e sim, como ele é produzido. O ponto da matéria analisada é que os discursos tratam o hip-hop como gênero musical dando um discurso diferente dos outros veículos já analisados aqui e que significa simplificar o hip-hop, como já apontado por Zibordi (2015). Quando eles utilizam do hip-hop como uma forma de diálogo com a periferia, o Nexo aqui utiliza de poesia e música “O hip hop é hoje uma força cultural e financeira global, crônica da vida das classes subalternas do Brasil urbano, relatos cortantes sobre a vida nas profundezas do gueto brasileiro”.

As definições utilizadas também são distantes do discurso de outros veículos. A palavra “gueto” é pouco utilizada ou quase nula para se referenciar as periferias daqui, pois não é um termo reconhecidamente popular utilizado pela população que mora em periferia. Mesmo que, já fosse utilizada em músicas bem populares dos

Racionais “Você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você”, porém, a versão da música é diferente da utilizada para a definição feita pelo Nexo, o que podemos identificar uma falta de diálogo com a população que criou/consume e pratica a cultura hip-hop.

A forma de explicar algumas reportagens, como por exemplo, o artigo que fala sobre os 20 anos do álbum “Sobrevivendo no Inferno”, dos Racionais MC’s, traz comparações entre outras culturas. “Grupo sempre se identificou como ‘a voz da favela’” a extensa tradição cultural negra, como na “spoken poetry” e nas “prison songs”, esta tradição cultural, que também passa pelo reggae de Bob Marley, o samba do Fundo de Quintal, e vai até a militância do canto de Miriam Makeba, e o jazz de Ornette Coleman, codifica uma leitura negra da modernidade, Em outras ocasiões, a música negra atua como uma forma de “filosofia da ação”.

Esse parágrafo traz um discurso importante de que a música é uma representação para o público negro, baseando-se só na cultura musical negra, que aliás, é muito forte, mas diferente de um discurso feito para a população que consome essa cultura, e sim, fazendo comparações de gêneros músicas, o que pode ser entendido, que o público leitor desse jornal é diferente ou que não tem um vínculo com esse tipo de engajamento cultural.

O discurso feito pelo jornal também representa uma visão de fora, cheio até de questionamentos como no caso da explicação de um trecho da música de rap dos Racionais:

Ao lado da representação da vida do jovem periférico, como no rap “Periferia é periferia”, a música de Brown, Blue, Edi Rock e KL Jay, com seus elementos líricos e rebeldes, gerou questionamentos sobre as perspectivas de se sobreviver a uma encruzilhada ética decisiva para esse jovem: como escapar à vida rebaixada, que se apresenta na dramática escolha entre o engajamento no crime. (NEXO JORNALISMO, 20 maio 2017).

Esse é um exemplo de discurso de quem está tentando entender e levantar questões sobre o que o rap pode representar na vida de jovens da periferia, sem ter uma certeza do que pode ser verídico ou até comum nas questões levantadas pelos Racionais em suas músicas.

“Os Racionais ofereceram não só identificação, mas também propostas de saída para esse desafio”. Aqui nós podemos ver um discurso que supõe a saída difícil de moradores da periferia seja um desafio, o que como podemos notar em

outras análises, se reverbera em várias outras questões. Mas a análise feita nesta matéria sobre o álbum de rap traz uma narrativa de apresentação da história, abordando questões de forma cuidadosa, sem expressar um lado, com uma linguagem mais técnica em alguns assuntos.

Aqui também existe um alerta para o que acontece no Brasil. O discurso feito pelo jornalista mostra que há também pontos que precisam ser debatidos, para muito além da música, dando uma importância para o quando o discurso feito pelos Racionais pode alterar algumas denúncias feita nas letras. O que também mostra um apoio e um cuidado no discurso da matéria, não só apenas apresentando, mas mostrando a importância e tendo uma consciência social trazendo até uma denúncia de coisas que acontecem ao povo negro/periférico. “Contrariando as estatísticas do genocídio que extermina a juventude negra. Sem, porém, humilhar-se nas ruas atrás da sobrevivência inferiorizada do trabalho subalterno e precário”.

Essa etapa da análise conseguimos perceber que os veículos também demonstram formatos diferentes do discurso jornalístico tradicional. Modificando o formato de linguagem e das matérias, apresentando cada uma desses veículos, uma maneira diferente de representação da notícia e dos entrevistados. Dando ênfase em pontos diferentes e apresentando discursivamente ideias para agregar ao seu público-alvo. Ou seja, cada veículo consegue a partir de um tema, no caso o hip hop, apresentar de forma diferente um discurso e a representação daquilo que é passado, seja para a periferia ou o centro.

Podemos relacionar então que fazer parte do mundo no qual escreve está inteiramente ligado às ideias de Silverstone (2002) e isso é apresentado quando notamos que o jornalista entende o que deve ser passado e como a notícia tem que ser entregue para esse público. Como afirma Stuart Hall (2016, p. 53), “Representação é a produção do sentido pela linguagem”, ou seja, a partir do mediador, podemos ter várias possibilidades da matéria ser representada, conseguimos notar que o discurso produzido pelos arranjos não só apresenta matérias para um público específico, mas também conversa com eles, principalmente nos casos dos veículos que se propõe a ser um comunicador da periferia. A linguagem utilizada apresenta signos da comunidade periférica, além de simbolizar e referenciar a comunicação que a “quebrada” precisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O hip-hop então é um grande processo cultural que utiliza da comunicação para dar voz as periferias, nele já conseguimos ver contribuição nítidas para o enriquecimento e o crescimento da periferia e de respeito da comunicação alternativa em locais foras dos eixos centrais. Dessa forma, definimos então, que os arranjos alternativos/independentes são muito ligados a essas culturas que se assemelham aos locais periféricos, as contribuições entre eles criam um fortalecimento para essa população que, há muitos anos não são trabalhadas e noticiadas pelas mídias tradicionais, como já avisada previamente em raps e debatidas por moradores desses locais.

Acredito que as mídias independentes/alternativas podem e devem ter espaços melhores trabalhados dentro das periferias, com ações para comunicar e ser um grande porta voz dessas comunidades, como já vem sendo feito por personalidades e outros espaços culturais, como o hip-hop.

Trazer essas possibilidades de dar um instrumento de fortalecimento dessas regiões a partir da mídia, e noticiar a partir dali novas visões de como visualizar as comunidades periféricas e construir novas pontes para que os moradores daquela região possam ter voz, visão e oportunidades de um crescimento cultural e de mídia.

Há também a discussão de que a mídia tradicional precisa rever seus conceitos e visões perante a periferia, esses processos são necessários para contribuir com o conhecimento da importância da notícia para todas as classes. Desse modo, temos esses novos arranjos como o contra sistema de mídia, trabalhando com mais de um modelo de mídia e dando cara a esses locais, assim podemos também notar que os processos de mídias estão alterando também, muito por conta dos avanços da tecnologia, que dão suporte e oportunidades para que jornalistas consigam se desprender das amarras dos grandes veículos e fazer seu próprio trabalho, dando nova cara e inovando a forma de fazer jornalismo.

O discurso e as representações debatidas aqui pela síntese de Stuart Hall mostra que os arranjos estão levando a esses locais novas maneiras de ter um papel comunicacional dentro das periferias, além de levar para esses arranjos que trabalham no local maneiras diferentes de se criar a informação e modificar a linguagem dela, um trabalho duplo de inovação e modificação de uma cultura que antes não era oportunizada. A comunicação alternativa/independente hoje pode ser

uma oportunidade para criar laços entre as periferias e o jornalismo. Ou seja, mesmo que seja um trabalho ainda que esteja de forma crescente e os veículos estejam ainda procurando a melhor forma financeira de sobreviver esses meios, a comunicação periférica já representa uma nova forma de jornalismo, uma comunicação necessária para esses locais.

No decorrer deste trabalho conseguimos descobrir as características que os arranjos jornalísticos utilizam para representar o hip-hop. Cada veículo apresenta modelos diferentes de notícias com base no hip-hop, seja ele na denúncia policial, no trabalho feito pela comunidade ou em casos de sucesso que saíram das regiões periféricas, fazendo circular sentidos distintos sobre hip-hop em relação ao jornalismo tradicional. Isso foi feito tendo por base as mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas e a ascensão de arranjos jornalísticos independentes/alternativos, inclusive com o chamado jornalismo periférico.

O Nexa usa o hip-hop em suas matérias de forma bem diferente dos outros veículos, de uma forma mais de análise de história e dados. Representa um jornalismo visto do centro, produzido por jornalistas de classe média formados em universidades frequentadas, em sua maioria, por esse estrato social, conforme evidencia o “Expediente” do jornal. Isto é, o hip-hop das periferias sendo enquadrados, ainda que positivamente, a partir das lentes do centro.

O Desenrola e Não me Enrola trata do hip-hop em suas matérias como um patrimônio cultural da periferia e a Agência Mural, de forma bem parecida, utiliza também de exemplos da cultura hip-hop “de” e “para” as periferias, enquanto a Ponte usa a cultura hip-hop até como um dispositivo balizador da luta de pessoas com mais dificuldade e pobre, principalmente contra abusos policiais. Ou seja, conseguimos perceber que veículos independentes/alternativos ainda mantêm ideias distintas do formato noticioso que utilizam, dando assim, representações plurais para um mesmo assunto.

Ainda existem muitas possibilidades de pesquisa para serem feitas nesses arranjos jornalísticos alternativos/independentes, especialmente os periféricos, já que muitos deles são novos e é um ambiente comunicacional que está se adaptando às novas diretrizes da comunicação e cada vez mais utilizando de ferramentas novas para trazer seus conteúdos e focalizando em certos nichos. Consideramos que é um objeto rico para futuras pesquisas em comunicação. Analisamos como as representações de hip-hop são construídas por esses arranjos jornalísticos, próximo

ao que o hip-hop utiliza, e isso mostra como a comunicação pode se envolver dentro de núcleos que antes não tinham essas oportunidades de comunicação e apoio. Isso mostra o compromisso jornalístico com a transformação social do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. [S. l.]: Edições 70, 2016.
- BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Jornalismo, inovação e empreendedorismo: questões sobre modelos de negócio em contexto de crise. *In: Líbero*, São Paulo, v.21, n. 41, p. 74-87, 2018.
- BRANDÃO, Alexandre. A Relação Comunicacional Periferia-Centro entre Jovens de Passo Fundo a partir do Hip-Hop. Intercom, Passo Fundo, 20 jun. 2019. Disponível em: 22/06/2019. Acesso em: 15 maio 2020.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do Jornalismo. *In: Leituras do Jornalismo*, ano 2, v. 2, n. 4, jul.-dez. 2015. Bauru/SP: FAAC/UNESP, 2015.
- FALCÃO - MENINOS DO TRÁFICO. Direção Celso Athayde e MV Bill. Brasil: FUCA. 2005. DVD (125 min.) Distribuidora Som Livre.
- FIGARO, Roseli (org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídias alternativos**. São Paulo: ECA-USP, 2018.
- FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. Hip hop brasileiro: tribo urbana ou movimento social. *In: FACOM/FAAP*, São Paulo, n. 17, p. 61-69, 2007.
- GROHMANN, R.; ROXO, M.; MARQUES, A. Lugares de Enunciação e Disputas de Sentido em Relação ao Trabalho Jornalístico em Arranjos Alternativos às Corporações de Mídia. *Brazilian Journalism Research*, v. 15, n. 1, p. 206-229, 2019.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: APICURI, 2016.
- MARTINI, Mara. As periferias pelos periféricos: um fenômeno jornalístico contemporâneo. *In: Extrapensa*, São Paulo, v. 12, ed. 1, p. 50-65, jul/dez 2018.
- Mídia e favela [recurso eletrônico]: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares / [coordenadores Jailson de Souza e Silva e Thiago Araujo Ansel]. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Observatório de favelas, 2012.
- MOASSAB, Andréia. **Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop**. São Paulo: Educ, 2011.
- NASCIMENTO, Eliciana. Comunicação. *In: NASCIMENTO, Eliciana. A Comunicação como um instrumento de inclusão social: Um olhar do Relações Públicas sobre a experiência de articulação da Rede Aiyê Hip-Hop*. Orientador: Clarissa Braga. 2006. Artigo (Graduação relações públicas) - Unifacs, [S. l.], 2006.

NONATO, Bruna; SOARES Cláudia. Jornalismo Periférico: um mapeamento das iniciativas jornalísticas feitas a partir das periferias paulistanas. *In: Revista Anagrama*, São Paulo, v. 2, ed. 13, p. 1-16, Jul-Dez 2019.

NONATO, Cláudia. O perfil do jornalista das periferias de São Paulo: resultados iniciais. 41º CONGRESSO BRASIELIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Joinville. *Anais* [...].Joinville, 2 a 8/nov 2018.

NONATO, Claudia; PACHI FILHO, Fernando; FIGARO, Roseli. Comunicação. *In: Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia*. 2018. Artigo (Mestrado em Jornalismo) - Faculdade Cásper Libero, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Ariadne Freitas Bianchi de. **Hip hop como processo comunicacional e sociabilidade para jovens indígenas de Dourados – MS**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

PACHI FILHO, Fernando; SOUZA, João; MOLIANI, Rafael. Os conceitos diferenciados de comunicação e jornalismo alternativos e o mapeamento da produção acadêmica brasileira recente. *In: Comunicação & Sociedade*, v. 41, n. 2, maio-ago. 2019, p. 5-28. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo.

PESQUISA apresenta o mapa do jornalismo nas periferias de São Paulo. Periferia em Movimento, [s. l.], p. 01, 22 ago. 2019. Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/pesquisa-apresenta-o-mapa-do-jornalismo-nas-periferias-de-sao-paulo/>. Acesso em: 24 abr. 2020.

PRUDENCIO, Kelly. Curitiba também tem periferia: a comunicação multiterritorial do hip-hop. *In: Contemporânea*, [s. l.], v. 1, n. 21, ed. 11, p. 80-91, 2013.

RACIONAIS MC'S. Homem na Estrada. *In: LETRAS*. Belo Horizonte [c2020?]. Disponível em: [www.https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/79451/](http://www.https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/79451/). Acesso em: 29/06/2020.

ROSA, Celso Martins. **Cultura RAP**: comunicação e linguagens das bordas. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, Gisele; MAIA, Flavia. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. *In: Rumores*, [s. l.], ed. 10, Jul-Dez 2011.

SILVA, Mariana; CHRISTOFOLETTI, Rogério. Novas experiências de jornalismo no Brasil: potências e limites para uma nova governança social. *In: Revista do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero*, [s. l.], ed. 41, jan/jun 2018.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas Editora, 2011.

SOUZA, Rose Mara. Cultura Hip Hop. Identidade e Sociabilidade: Estudo de Caso do Movimento em Palmas. *In*: **Bocc**, [s. l.], 2007.

TRABALHO jornalístico “além do jornalismo”: entrevista com Mark Deuze. Digi Labour, [S. l.], p. 01, 28 fev. 2020. Disponível em: <https://digilabour.com.br/2020/02/28/trabalho-jornalístico-alem-do-jornalismo-entrevista-com-mark-deuze/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

ZIBORDI, Marcos Antônio. **Hip hop paulistano, narrativa de narrativas culturais**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 205.

## APÊNDICE A – TABELA UTILIZADA PARA ANÁLISE DO PORTAL “DESENROLA E NÃO ME ENROLA”

Matérias	Palavrachave do título	Perfil dos entrevistados	O hip hop aparece em	Termos parecidos	Onde se passa	As fotos	Para quem a notícia fala?
Show de Hip Hop marca encerramento da revitalização do Parque Santo Dias	Hip-hop	Nenhum entrevistado. Apenas notícias do evento	Aparece duas vezes e fala sobre o crescimento da cultura e incentivo na região	Apresentações de poetas, grafiteiros e saraus, atividades culturais	Capão Redondo, SP	Foto de uma roda cultural com músicas e tambores	A notícia fala pra comunidade que irá participar do movimento na agenda do bairro
Coletivo Fora de Frequência apresenta 2ª edição do “Ocupação Hip Hop”	Ocupação hip-hop	Nenhum entrevistado. Porém, explana sobre o movimento cultural de pessoas.	o Hip Hop como ferramenta de educação, aparece 2x	Diversos atores da Cultura Hip Hop, música	Jardim horizonte sul, SP	Foto de um DJ tocando em um encontro dentro de um pavilhão	Para os moradores do bairro e jovens
Núcleo Hip Hop Zumaluma dissemina cultura do dancehall no Jardim Santa Tereza	Núcleo hip-hop	Nenhum entrevistado. Fala sobre o coletivo que trabalha na quebrada. Ação cultural	O hip-hop é mostrado como alicerce do coletivo que trabalha na quebrada com atividades culturais e de ensino	Dancehall, história da jamaica, arte e educação na região, música, capoeira, percussão, produção musical e idiomas aos moradores da região	Embu das artes, SP	Oficina de dancehall	Para moradores e interessados da região
Batalha de MC's une empreendedorismo ao Hip Hop no Jardim Ângela	Empreendedorismo ao hip-hop	Fala sobre projeto a produtora a banca no qual ajuda jovens da periferia que sonham com o hip hop	Aparece uma vez e fala sobre o empreendedorismo de grupos de hip hop e como eles podem ganhar dinheiro dando oportunidades na produtora cultural.	Batalha de Mc's	Jardim Ângela, SP	DJ, tocando em um pavilhão em um dos encontros	Para o artista independente da quebrada
Centro de Culturas Negras do Jabaquara promove debate sobre presença feminina no hip hop	presença feminina no hip-hop	Fala sobre evento que falará sobre a presença das mulheres no rap com ativistas feministas	O hip-hop aparece uma vez e fala sobre a equidade do genero no meio cultural, principalmente no hip-hop.	Teatro, dança, capoeira e música	Centro de culturas negras em Jabaquara, SP	Reuniao das mulheres no local	Fala para os moradores
Casa de Cultura Hip Hop Sul abre inscrição para oficinas de graffiti	Oficina de graffiti	Roberto Krust, instrutor da oficina	Aparece uma vez e dá ênfase ao graffiti e curso do mesmo	Universo do graffiti e arte, ilustração	Casa de cultura hip-hop sul	Roberto grafitando	Para interessados no curso de artes urbanas
Coletivos do Jardim Ângela ocupam Praça do Bambuzal com intervenções culturais	Intervenções culturais	grupos Periferima e EmpodereCINego, coletivos que vem fortalecendo a cena cultural no distrito do Jardim Ângela.	Movimento do hip-hop com o audiovisual, e fala sobre o fortalecimento da cultura na quebrada com filmes.	documentários, filmes e curtas abertos	Jardim Ângela, SP	Encontro dos jovens na praça do bambuzal	jovens moradores da região
Jovens promovem segunda batalha de rima em Paraisópolis	Batalha de rima	Nenhum entrevistado, mas o foco é nos jovens com a cultura hip hop	O hip-hop aparece 2x vez e o intuito é disseminar a cultura do hip hop na quebrada através de batalhas de rimas	Batalha de Rima	Paraisópolis, SP	Jovens na batalha de rimas	Para os jovens que querem conhecer a cultura do hip hop e resistencia
Conheça 4 batalhas de rima na M'Boi Mirim que estimulam o contato da juventude com a cultura Hip Hop	Cultura hip-hop	Nenhum entrevistado, fala sobre os coletivos que incentivam as batalhas de rimas	O despertar do conhecimento, do senso critico e da escrita através das batalhas de rima, hip-hop aparece 2x	Artistas independentes, poesia	M'boi mirim	Foto dos jovens na batalha de rima	Para a juventude periférica
Intercâmbio cultural: Inglês Na Quebrada abre inscrições para turmas de 2019	Inglês na quebrada	Nenhum entrevistado, apenas informação de inglês para a comunidade.	Linguagem do hip-hop, como aprendizado e troca de informações	cultura negra afro-americana	Jardim Ângela, região da M'Boi Mirim.	Foto de aula ministrada por Jordan Fields	Para a comunidade
Coletivos resistem à proposta de fechamento da Casa Cultural Hip Hop Jaçanã	Casa cultural hip-hop	Davi Albuquerque, professor de filosofia e integrante do coletivo Estéticas Urbanas, jovem Henrique Pedro, 21, Sergio La Paloma, um dos articuladores mais antigos da casa, Gabriela Santos, 22, integrante do coletivo Sons Periféricos e uma das organizadoras do Sarau. moradora Cleide Maria, 59,	Hip-hop aparece seis vezes e é mostrado como o principal ponto de cultura da localidade, na qual foi feito todo o movimento cultural para posse.	Sarau Ato de Resistência	Jaçanã, casa de cultura hip hop	Duas fotos da intervenção cultural uma com uma palestra e outra em um momento de dança.	Para a comunidade, servindo de alerta do que está ocorrendo para os moradores.
Praça de wi-fi vira espaço para produção artística de jovens no Grajaú	Produção artística de jovens	Matheus Silva de 18 anos, Davi Ferreira, mas conhecido como Kovu, com 17 anos.	Os elementos do hip-hop com principais balizadores dos encontros nas novas praças com wifi, juntando os jovens para fazer rimar e conversar.	Shows, intervenções poéticas, batalhas de rima, peças de teatro, rap e trap	Grajaú	Três jovens que fazem suas rimas na praça	Para a juventude e moradores da região e informação para o uso do wifi

## APÊNDICE B – TABELA UTILIZADA PARA ANÁLISE DO PORTAL “AGÊNCIA MURAL”

Matérias	Palavrachave do título	Perfil dos entrevistados	O hip hop aparece em	Termos parecidos	Onde se passa	As fotos	Para quem a notícia fala?
As faces do grafite nas periferias de São Paulo	Grafite	Secretário municipal de Cultura André Sturm, João Paulo de Alencar "Todyone", grafiteiro. Tim, grafiteiro.	Grafite, historia dos grafites nas quebradas e como ele chegou aqui e a relação com a jamaica	Arte	Grajaú SP	Fotos de grafite na periferia	A notícia fala para o público em geral, contando a história da periferia
O grafiteiro que ilustra estações de trem na zona leste	Grafiteiro	Todyone, ou João Paulo de Alencar, 27.	Milita pelos direitos da população negra através de outros elementos do Hip Hop, como o Rap e o Break, que segundo ele “são essenciais para provocar reflexão nas pessoas”.	Intervenções artísticas	Grajaú, SP	3 fotos, uma polêmica de Jesus negro, feita pelo artista	Para o público em geral, mostrando a história do grafiteiro que faz do seu bairro a sua arte
“Quebrada Queer” discute sexualidade e gênero na periferia	Sexualidade e gênero	Os cinco componentes da quebrada queer. Grupo que luta pela igualdade LGBTQ.	Como ele pode ser instrumento e local de fala para as minorias como o LGBTQ	Rap	Quebrada de São Paulo	Fotos dos artistas	Entrevista para conhecer os jovens gays que querem disseminar a cultura do rap como empoderamento
“Narra Várzea” tem humor e rap em transmissões esportivas	Humor e rap	Narradores que são rappers e humoristas	inserir e levar cultura, lazer, literatura, poesia e informação para o esporte	Lazer, poesia, rap	Taboão da serra	Foto no local com os narradores e jogadores, local humilde	Fala para o público em geral, o futebol e o rap como forma de entretenimento e curiosidade para os moradores de lá
Grafite de Coração: moradores da zona leste ensinam arte urbana para crianças	Grafite	Humberto Epow, 21, e Robson Perdidos, 29 Netto Duarte, 39, é morador da Cohab I Diego Luiz Garcia, 23, pintor Anderson de Jesus Silva, 19	O grafite como agente integrador de cultura e arte para os jovens periféricos, mostrando tres fontes que passaram pelo projeto de grafite junto aos dois professores da arte	Dança de rua (bboy) e no hip-hop.	Periferias de São Paulo	11 fotos mostrando a arte e os grafiteiros com imagens bem coloridas	A notícia fala para os jovens e moradores do local que são apresentados a historia do rap e ação social feita pelos grafiteiros, alem de dar ênfase para o plano do governo de São Paulo onde ajuda os dois.
‘Cada vez mais, nós meninas negras, estamos nos aceitando’, diz Mc Soffia	Meninas negras	Mc Soffia	Eu falo sobre o feminismo, sobre o empoderamento da menina negra, pra ela gostar do seu cabelo, da sua cor. Acho que as crianças pegam essas referências	aulas de canto, dança, grafite e de DJ.	Periferias de São Paulo	Foto da cantora levantando o punho em referência aos panteras negras, na Biblioteca de São Paulo. E um video da entrevista.	Para as jovens negras de periferia, na qual a jovem faz parte e é minoria em toda a parte , além de sofrer enorme preconceito, sendo ela, voz ativa
Escritor de Diadema vende livros de mão em mão para ir à Alemanha	Escritor	Alexandre Ribeiro, 20,	Os itens decorativos são as pistas para conhecer os gostos e hábitos do jovem escritor, jornalista e militante no movimento hip hop.	movimento hip hop , batalha de mc's	São Paulo	Foto do ativista e uma parte de seu livro	Reconhecimento do escritor, ativista para o público em geral conhecer o jovem que saiu da periferia escutando hip hop e escrevendo livros para um intercambio para alemanha, quase um case de sucesso
Estudante de história, professor e MC: Marabu lança segunda música	Professor e MC	Mc marabu Matheus Santos	O rap aparece como catalizador do talento de Mc Marabu que ve no rap uma forma de falar dos problemas da quebrada. o hip-hop ajuda na articulação política enquanto indivíduo.	MC, ‘funk da baixada’	Periferias de São Paulo	Foto de marabu na periferia de são paulo, em locais bem especificos e capa do seu single.	Fala para o público em geral, e principalmente para a periferia, pois o que mc quer passar é as dificuldades politicas e sociais da quebrada.
Livro ‘Kauria dorme’ entrelaça mundo mítico e a periferia de São Paulo	Periferia de são paulo	Diego Torres e Lucas Andrade	O rap aparece como chave de inspiração para os dois, uma forma de trazer a realidade da periferia para dentro dos quadrinhos e o rap servindo de inspiração para isso.,	mixtape em forma de quadrinhos	Capão redondo	quatro fotos, uma dos dois criadores e outras 3 dos quadrinhos	A notícia apresenta os quadrinhos inspiradores da periferia, na qual é inspirada na cidade paulistana e em suas quebradas, trazendo para a realidade.
Role na quebrada	Quebrada	Agenda cultural	O rap aparece como parte fundamental do role na quebrada na qual apresenta a cultura cidade paulistana nas quebradas das 4 zonas, semanalmente		São Paulo	Imagens de eventos que ocorrerão nas periferias.	Para pessoas que acompanham os eventos nas quebradas
No Fluxo: Erick Jay, do Manos e Minas, mistura ritmos no estúdio	Manos e minas	Erick Jay	Video dele tocando com suas pickup e entrevista no fluxo sobre a vida do dj	R&B, hip hop e jazz	São Paulo	Video entrevista com o dj dos manos e minas	Interessados na cena hip-hop
PodePá! Nayra Lays leva autoconhecimento e espiritualidade ao rap	Espiritualidade ao rap	Nayra Lays	O rap aparece como parte principal já que a artista mistura varios ritmos e se assemelha ao rap	MCs e DJs.	São Paulo	Podcast com a cantora	Para quem acompanha a artista e interessados na cultura hip-hop

## APÊNDICE C – TABELA UTILIZADA PARA ANÁLISE DO PORTAL “PONTE JORNALISMO”

Matérias	Palavrachave do título	Perfil dos entrevistados	O hip hop aparece em	Termos parecidos	Onde se passa	As fotos	Para quem a notícia fala?
Representantes do movimento Hip Hop se posicionam contra Bolsonaro	Movimento hip hop	Rappers que são contra a candidatura do Bolsonaro	é incontestável: o Hip Hop sempre teve lado”. Aqui nessa matéria, o rap mostra que tem lado, o lado esquerdo da política. E se posiciona contra o governo	Bastante usado o termo rap	Na internet	Vídeo dos músicos e foto de Mano Brown, Drik Barbosa e Emicida, nomes conhecidos do cenário.	A notícia fala para o público em geral
Força feminina do hip-hop comanda o festival “Passa a bola... é delas”	Força feminina do hip hop	Convite para festival somente com atrações femininas	um timaço de mulheres do hip-hop e da poesia urbana se apresenta no festival	Poesia urbana	São Paulo	Cartaz do evento	Convite ao público em geral
‘Política repressora da cultura preta e pobre’, diz rapper sobre ações policiais em Teresina (PI)	cultura preta e pobre	Lideranças do movimento hip-hop, jovem que vai ao local, pessoa que foi ao evento, polícia militar	Na única alternativa de cultura onde os jovens de teresina moram e na abordagem	Batalha de rima	Teresina	Vídeo de abordagem policial, três fotos dos locais junto	Para a população em geral e para os jovens que ali vivem
Rap e luto: mães compartilham histórias de violência do Estado em SP	Rap e luto	Solange de Oliveira, uma das lideranças das Mães da Leste, Maria José Paula Alves, Maria Aparecida Alves Marttos, Rossana.	Na junção de trazer as mães para o palco e logo após o rap, como também um ambiente que ali estava de protesto.	Rap	São Paulo	Fotos do eventos, com os grupos de rap e as mães, várias fotos	Reportagem que traz as dificuldades e as incessantes batidas policiais que matam que é da periferia. Relatos para que todas as pessoas vejam os problemas daquela região
MC Dark: “o som não é violento, só faço pregar a realidade”	som não é violento	Dark MC	Os desafios de fazer rap fora do eixo RJ-SP estão em três pontos, segundo Dark: a mídia que não dá espaço para o cenário baiano, o preconceito com o sotaque e a cultura local que é voltada para o axé.	Rap	Eixo rio são paulo e bahia	Vídeo entrevista com o músico de salvador	Fala para o povo bahiano que curte rap, sabendo que no norte existe muitos problemas para que esses músicos alcancem o sucesso
PM interrompe ação cultural de rap no centro de SP	Ação cultural de rap	O rapper Dugueto Shabazz	uso do rap como forma de liberdade de expressão e cultura, na qual os policiais não respeitaram	Funk e rap	São paulo	Vídeo de truculência policial e foto do local	fala novamente como denuncia de ação desrespeitosa da polícia que atinge a minoria do rap
‘O rap resgata a autoestima que os pretos não tinham’, diz rapper e professor do Grajaú	Rap	Leal, Rapper e professor	Uso do rap na vida do mc que ajudou a ver o seu local de falar e onde se posiciona e os conflitos que existem com o atual cenário e a sua profissão. E uso do rap para derrubar preconceitos	Funk e pagode	Grajaú	4 fotos do mc, duas encostadas em muros pichados, outras duas na quebrada cantando.	Anotícia fala para a periferia e para o povo em geral como entendimento de como é o rap e o quanto ele é importante para aquela parte da população como voz de luta
‘Quanto de sangue indígena você tem nas veias e quanto você tem nas mãos?’	Sangue indígena	Mc Lírica, lillian	“O movimento hip hop me trouxe essa questão, de pensar o todo. Saber minha ancestralidade é pensar na minha identidade”	Rap e movimento social	Grajaú	Seis fotos, uma de uma vitrola na casa de Lillian, as outras são de momentos e partes específicas do corpo de lillian, como mão e cabeça.	É um relato carregado de emoção e história da vida da indígena Lillian, é uma reportagem dura, que fala sobre o genocídio histórico indígena
Ocupação cultural na zona leste de SP é espaço de resistência periférica	Ocupação cultural	Glauco Alexandre, 17 anos, urbanista e artista plástica Ana Paula do Val, 45 anos, Alan Vitor Corrêa, 34 anos, professor, Declara Yasmin Ribeiro, de 24 anos, graduanda em Produção Cultural,	Na parte principal de inclusão de jovens da periferia na casa, já que a cultura hip hop dá espaços para essas pessoas se enturmarem e fazerem arte.	Grafite, arte, poesia, música	Zona leste, sp	Uma foto da parte de dentro do prédio	Para o público em geral, contando as dificuldades passadas pela casa contra o governo e na busca pela cultura jovem
Curta-metragem fala sobre como é ser mulher, negra e LGBT nas periferias de SP	Negra e LGBT nas periferias	Nayara Mendl, 25, Rosa Caldeira, 22, e Stheffany Fernanda, 21	O hip hop aparece como linguagem para que as pessoas lgbt tenham local de fala e também é ponto chave no filme já que a mulher canta rap	slam de rua, no arofuturismo, na poesia marginal e no cine guerrilha	São paulo	Cinco fotos e um vídeo( 4 fotos posadas com elenco e diretoras. E uma da gravação do filme, todas mostrando algo sobre os lgbt)	Fala sobre a luta lgbtqi+ e deixa bem aberto uma discussão sobre todos os preconceitos que há contra eles, mulheres negras e periferia, além de abordar o filme, eles trazem todos os preconceitos impostos pela sociedade.
‘Quem votou Bolsonaro tem mão suja com sangue do preto periférico’	Preto periférico	Cida Matos, Rossana Martins, Sol Oliveira, Zilda Vermont e Zilda de Paula são mães em luta, Renata Prado, da Liga do Funk, e o hip hop pelo MC Who	“Saber do genocídio do povo negro veio ao ouvir o rap”. “É ouvir rap, ver o grafite, não tem distanciamento nenhum deles com o genocídio. Eles vivem isso no dia a dia.	Funk e rap	São paulo	4 fotos, duas posadas, da reunião e palestra que ocorreram com as mães.	Fala novamente contra os abusos policiais e contra jovens periféricos. Um alerta que deixa toda as pessoas periféricas de olho no que pode acontecer com os filhos.
‘Difícil é fazer literatura com barulho de tiro na quebrada’, diz poeta	Literatura com barulho de tiro	Alexandre Ribeiro, poeta	O rap salvou nas palavras dele de se perder no mundo da periferia e encontrou sua veia artística onde começou a fazer poesia	Poesia, romance, rap	São paulo	6 fotos, 4 somente do livro e duas posadas dele.	Conta a história de case de sucesso da periferia, jovem que viu na arte uma forma de ganhar a vida e fazer o que gosta. Fala para pessoas que vivem na periferia

## APÊNDICE D – TABELA UTILIZADA PARA ANÁLISE DO PORTAL “NEXO JORNAL”

Matérias	Palavrachave do título	Perfil dos entrevistados	O hip hop aparece em	Termos parecidos	Onde se passa	As fotos	Para quem a notícia fala?
10 lançamentos que deixaram o rap menos machista	Rap menos machista	Nenhum, ranking	Lista mulheres do rap	Rap	Brasil	Fotos das cantoras e de seus álbuns	Para as mulheres que querem conhecer o cenário delas no rap
Quem são os Brô MC's, primeiro grupo de rap indígena do Brasil	Rap indígena	Quatro indígenas Guarani Kalowá	Alternativa para jovens indígenas que gostariam de falar e retratar o mundo em que vivem	Rap indígena	Mato Grosso do Sul	1 foto deles na suas aldeias e roupas características	Para o conhecimento em geral
Hall da fama dos compositores tem seu 19 rapper. Qual a importância da conquista de Jay Z	Rapper	Michael Eric Dyson, professor da Universidade de Georgetown nos Estados Unidos	Na importância de onde o rap está chegando no mundo	Rapper	Estados Unidos	Fotos de Jay-Z em shows	Para o público que gosta e quer conhecer o rap
A relação entre os novos filmes sobre racismo e a violência policial, segundo esta pesquisadora	Violência policial	Suzane Jardim, historiadora, educadora e pesquisadora	Abordagens de violência policial e racismo em músicas do gênero rap	Rap	Estados Unidos	Uma foto de uma mulher preta segurando uma placa	Para interessados na luta antirracista
Sobrevivendo no inferno: os 20 anos da poesia de guerra dos Racionais MC's	Poesia de guerra	Nenhum entrevistado, artigo de opinião	Como o principal álbum de rap influencia gerações dentro da cultura brasileira	Reggae, rap,	Brasil	Show do Racionais	Para conhecimento geral do rap e quem é fã de Racionais ou quer conhecer.
O que é o "break", que o Google destacou em sua homenagem ao hip hop	Hip-hop	Nenhum entrevistado, apenas com dados	História do gênero hip-hop de sua origem e alguns significados	Graffiti, break, rap, Dj	Estados unidos	Vídeos de músicas antigas	Para quem tem interesse no movimento hip-hop
Os quadrinhos que explicam por que o "roubo" é essencial na criação musical	Criação musical	Nenhum entrevistado, apenas com dados.	Quando citado que o rapper foi processado pelo sampler de uma música, caso corriqueiro no rap	Rap	EUA	Marvin gaye tocando piano	Novamente um caso histórico sobre algo do rap
O que o hip hop tem a ensinar ao urbanismo, segundo este arquiteto	Hip-hop	Michael Ford, arquiteto	o hip-hop aparece em: É possível interpretar muitas letras de hip hop como uma crítica aos fracassos do planejamento urbano e da falência da cidade como lugar habitável.	Rap	EUA	movimentos arquitetônicos e prédios antigos	Para público em geral.
Quem é o artista que vai pintar o retrato oficial de Barack Obama	Artista	Nenhum entrevistado, apenas informações sobre o artista.	Artista que pintou quadro de Barack Obama era famoso por pintar quadro de rapper e ser o primeiro negro a pintar quadro do presidente	Rap	EUA	4 quadros feitos pelo artista negro e um com Barack Obama	Fala para o público em geral
Popular e perseguido, funk se transformou no som que faz o Brasil dançar	Funk	Nenhum entrevistado, apenas com dados.	Conexão da origem do funk com responsabilidade direta das influências do hip hop norte americano	funk, miami bass, rap	Rio de Janeiro	Imagem dos principais funkeros antigos e novos	Público interessado na história do Funk
O perfil do Instagram que resgata a cena cultural de Nova York dos anos 70 e 80	Cena cultural	nenhum	Artes salvas que retornavam a essência do hip hop no começo da popularização da	Arte E grafite	Estados Unidos	Imagem de fotos do Instagram,	Para o público em geral, voltado para a história da cultura de Nova York dos anos 70
Indicações ao Grammy estão mais diversas. Quais são as novidades	Diversas	Jornalista, Andrew Unterberger	Popularização do rap e domínio da música negra na principal premiação de música do mundo	Rap e pop	Estados Unidos	Imagens de Kendrick Lamar e Beyonce em show	Para o conhecimento do público interessado em música
Quem é Cardi B, rapper que dominou os EUA em 2017 com empoderamento feminino	Empoderamento feminino	Site Pitchfork	Feminismo e empoderamento no rap a partir da nova cantora que que é ex- stripper e está conseguindo feitos inéditos na música	Rap	Estados Unidos	Imagens de Cardi b em shows	Para o público feminino e nas novas tendências musicais
Por que a China está reprimindo artistas do hip-hop	Hip-hop	Revista Time	Repressão ocorrida no gênero na china	Rap	China	Imagem de rappers chineses	Para o público em geral
A batalha pioneira da primeira estrela feminina do rap	Feminina do rap	Jornal New York Times	Primeira mulher a participar e fazer rap	Rap	Estados Unidos	Imagem da cantora indo acompanhar o seu filme	Público feminino
O que o Pulitzer de Kendrick Lamar diz sobre o artista. E sobre o próprio prêmio	Kendrick Lamar	Matthew Trammell, Rodney Carmichael	Primeiro rapper a ganhar um prêmio Pulitzer	Música e ruidita, rap	Estados Unidos	Foto de Kendrick Lamar	Público em geral, curiosidades da música
Quais as conexões do rap com a literatura e a poesia	Rap e poesia	Poeta Sérgio Vaz, Suzi Soares, Ilem Hamilton, Adam Bradley, crítico.	Conexão entre o rap daqui e dos eua na periferia e o quanto eles estão se tornando importantes para a literatura.	Poesia, literatura, rap	Eua, São paulo	Sarau do binho, periferia de São Paulo, Jay Z, Racionais	Periferia e estudantes
Quem foi Jalal Nuriddin, poeta celebrado como um dos pioneiros do rap	Pioneiro do rap	Apenas informações sobre o poeta do rap	Conhecer um dos precursores do rap, chamado de vô do rap	Rap, poesia	EUA	Foto do Jalaluddin	Público em geral, curiosidades da música
O que o Pulitzer de Kendrick Lamar diz sobre o artista. E sobre o próprio prêmio	Rapper Drake	Nenhum entrevistado, apenas dados	Como o rapper Drake utiliza das novas ferramentas para virar hit	Rap	EUA	foto de michael Jackson	Público em geral, curiosidades da música
O que é ser antirracista? Estes 4 ativistas respondem	Antirracista	Juarez Tadeu de Paula Xavier, ativista negra Angela Davis, Juliana Gonçalves Jornalista, ativista antirracista, Maria José Menezes, a Zezé, Oswaldo Faustino	Do ponto de vista do preconceito, que existe em todas as áreas, no espaço político, no espaço social e no espaço cultural, as linguagens culturais têm um papel político importante nesse enfrentamento. O hip-hop tem feito isso	Hip-hop	Brasil	Mulher com cartaz "eu, mulher negra, resisto"	Público interessado na luta antirracista
Baco Exu do Blues: 'O racismo deixa a saúde mental instável'	O racismo	Baco exu do blues, rapper.	Entrevista com o rapper nordestino que vem ganhando fama no difícil mundo do rap no sudeste	Rap	Brasil	Foto do músico	Fãs do músico e do rap
Das mulheres ao hip hop, 4 destaques do Grammy 2019	Mulheres do hip-hop	Nenhum entrevistado. Apenas com dados da premiação.	Críticas feitas por mulheres e artistas do rap no maior prêmio de música da América Latina	Pop, rap, hip hop	EUA	3 fotos de mulheres artistas no Grammy	Público em geral
Djonga, o amor-próprio de uma geração	Djonga	Djonga, rapper	Como o rapper mineiro ajuda na cena periférica do estado onde tem pouca mídia para a cena musical	Rap, Grafite e danças urbanas	Minas Gerais	Nenhuma foto	Público em geral e principalmente fãs do Djonga.
Este Instagram explica termos das letras dos Racionais MC's	Racionais mc's	Nenhum entrevistado. Apenas com dados.	Fala a história dos Racionais de forma rápida e apresenta o Instagram que fala sobre as palavras usadas nas músicas	Rap	São Paulo	Fotos do perfil do Instagram	Público em geral, curiosidades da música
O lugar do rap na periferia de São Paulo em 2019	Periferia de São Paulo	Ricardo Teperman, músico e antropólogo, Luana Ribetti, MC, Xis, Assessor de hip hop, Guilherme Botelho, Historiador, Prodigio, Rapper	Situação do rap no Brasil atualmente, com ideias e fatos dados por pesquisadores da cena e artistas que trabalham no meio, para saber como está a cultura hoje em dia.	Funk	Brasil	Foto de Emicida em seu clipe com Pablo Vittar e Majur	público que gosta de hip hop
A mistura de country e rap que bateu o recorde de Despacito	Country e rap	Nenhum entrevistado. Apenas com dados.	Como se fez o último sucesso do rap e uma reparação histórica com os cowboys negros da época passada nos eua	Trap e Country	EUA	Foto de Lil Nas de cowboy	Público em geral
21 músicas que ajudam a contar a história do rap	História do rap	Nenhum entrevistado. Apenas com dados.	Músicas que fazem uma linha do tempo do rap e sua importância	Rap	Mundo	Capas dos singles	curiosidades do rap
Quem é Lizzo e como sua música bateu recorde nos EUA	Quem é lizzo	Nenhum entrevistado. Apenas com dados.	A história da nova rapper que vem fazendo sucesso e derrubando preconceitos	Rap e r&b	EUA	Fotos da cantora em diferentes poses	Cena musical do rap